

# AGRICULTURA

EM SÃO PAULO

BOLETIM DA DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

## SUMÁRIO

<b>A AGRICULTURA DE SÃO PAULO EM 1960</b> .....	1
<b>ASPECTOS DA PRODUÇÃO CITRÍCOLA NA ESPANHA</b> .....	17
<b>PANORAMA DO CRÉDITO RURAL OFICIAL NO ESTADO DE SÃO PAULO</b> .....	27
<b>CAFÉ</b> — Poderá ser ultrapassada a estimativa da safra de 1960. Estáveis as cotações. Exportações em 1960. Novas cotas dentro do Convênio Internacional .....	35
<b>PECUÁRIA</b> — Paralizado o aumento nos preços da carne e do gado bovino. Inalterado o preço de porcos .....	43
<b>ESTATÍSTICAS</b> — Preços médios recebidos pelos lavradores e produtores. Importação de cabotagem e do exterior por Santos .....	49

ANO VIII

N.º 1

JANEIRO 1961

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

SECRETARIA DA AGRICULTURA

ESTADO DE SÃO PAULO

# **"AGRICULTURA EM SÃO PAULO"**

Boletim da Divisão de Economia Rural

Rua Anchieta, 41 — 10.º andar — Caixa Postal, 8083  
São Paulo — Brasil

Divisão de Economia Rural

Diretor: Eng.º Agr.º Ruy Miller Paiva

## **S E C Ç Õ E S**

### **Política da Produção Agrícola**

Eng.º Agr.º C. C. Fraga, chefe  
Eng.º Agr.º Claus F. T. Freitas  
Eng.º Agr.º Antônio D. Piteri  
Eng.º Agr.º C. Meira Coelho

### **Organização de Empresas Agrícolas**

Eng.º Agr.º O. J. Thomazini Ettore, chefe  
Eng.º Agr.º Jorge D. Issa  
Eng.º Agr.º Milton A. Moisés

### **Previsão de Safras e Cadastro**

Eng.º Agr.º Mário Zaroni, chefe  
Eng.º Agr.º Fernando S. Gomes Jr.

### **Análise de Mercados e Preços**

Eng.º Agr.º Rubens A. Dias, chefe  
Eng.º Agr.º Ismar F. Pereira  
Eng.º Agr.º Persio C. Junqueira  
Eng.º Agr.º Antonio A. B. Junqueira

### **Comercialização**

Eng.º Agr.º J. M. Fonseca Lima, chefe  
Eng.º Agr.º J. C. Gomes dos Reis Jr.  
Eng.º Agr.º Luiz Jorge Elbel

### **Levantamentos Econômicos**

Eng.º Agr.º Salomão Schattan, chefe  
Eng.º Agr.º Milton N. Camargo  
Eng.º Agr.º M. de L. do Canto Arruda

### **Análises de Custo e Rendas Agrícolas**

Eng.º Agr.º Mauro Souza Barros, chefe  
Eng.º Agr.º A. G. Batista Campos  
Eng.º Agr.º Paul Frans Bermelmans

## **DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL**

Diretor Geral: — Eng.º Agr.º Mário Decourt Homem de Mello

**SECRETARIA DA AGRICULTURA**

**DO**

**ESTADO DE SÃO PAULO**

# A AGRICULTURA DE SÃO PAULO EM 1960

Eng.º Agr.º Ruy Miller Paiva  
Eng.º Agr.º Rubens Araujo Dias

O ano de 1960 foi de um modo geral favorável à agricultura de São Paulo. A renda recebida pelas atividades agropecuárias em cruzeiro de valor corrente alcançou novo recorde, com um total de aproximadamente 150 bilhões de cruzeiros, o que representa um aumento de 33 bilhões sobre a renda do ano de 1959.

Deflacionando-se estes valores para compará-los em moeda de valor constante, verifica-se que este aumento representou melhoria pequena no poder de compra dos produtores. Assim é que a renda bruta real da agricultura de São Paulo, em bilhões de cruzeiros de 1948/52, foi de 25,6 em confronto com os 25,2 atingidos em 1959.

Aliás, nos últimos anos, a renda real da agricultura de São Paulo tem variado em torno desses valores. De acordo com os dados do Quadro I, em números índices (1948/52 = 100) essa renda alcançou em 1960 um valor de 122, superior aos dos anos anteriores de 1959 e 1958, que foram respectivamente de 120 e 116 e superior mesmo à média do período 1953/57 que atingiu 120. E' todavia inferior aos anos de 1954, 1955 e 1957, quando os preços elevados de café possibilitaram índices mais elevados de 128, 130 e 123 respectivamente.

Essas variações de renda de um ano para outro são devidas a flutuações ocorridas tanto no volume de produção como no nível geral dos preços recebidos pelos produtores.

## QUADRO I

### Renda Bruta da Agricultura Paulista (1)

Média de qüinqüênios e Anos	Valores Correntes		Valores deflacionados (Em Cr\$ de 1948/52)	
	Milhões de cruzeiros	Índice	Milhões de cruzeiros	Índice
Média de 1948/52 ....	20 938,0	100	20 938,0	100
Média de 1953/57 ....	54 506,7	260	25 118,3	120
1956 .....	58 150,7	278	22 804,2	109
1957 .....	74 816,0	357	25 710,0	123
1958 .....	80 058,8	382	24 334,0	116
1959 .....	116 189,2	555	25 203,7	120
1960(3) .....	148 717,7	710	25 641,0	122

Fonte: Divisão de Economia Rural.

(1) Os dados deste quadro retificam os anteriormente apresentados.

(2) Calculados, utilizando-se como deflator o índice "2" da Conjuntura Econômica.

(3) Dados preliminares.

### PEQUENA VARIAÇÃO NO VOLUME PRODUZIDO

Com referência ao volume de produção, constata-se que em 1960 não houve em relação ao ano de 1959, o aumento que vinha se processando todos os anos neste último decênio. O volume produzido (24 produtos) em 1960 atingiu 31,3 milhões de toneladas, enquanto que em 1959 já tinha sido alcançado um volume total de 31,6 milhões, quantidades que representam um aumento de cerca de 136% em relação à produção média obtida no período base de 1948/52. Os dados apresentados no quadro II permitem verificar a paralização nos aumentos que vinham se verificando ultimamente. Assim, em números índices (1948/52 = 100) os volumes

da produção alcançaram nos anos de 1956 a 1959 os valores de 160, 184, 214 e 238 respectivamente, para manter-se em 1960 em nível praticamente igual ao de 1959 ou seja em 236.

Aliás, deve-se adiantar que essa paralização nos aumentos não se verificou de forma generalizada em todos os setores agro-pecuários. Essa menor produção no ano de 1960 pode ser atribuída à grande quebra ocorrida na produção cafeeira e em menor escala à constatada nos cultivos de cana e mandioca, sendo mesmo de salientar que das 20 culturas analisadas, 16 acusaram aumentos no volume produzido. Assim,

se do total apurado retirarmos a produção dos três produtos acima citados, vamos verificar que a produção dos 21 itens restantes passou de 6,7 milhões

de toneladas em 1959, para 7,6 milhões em 1960 (a produção média obtida no quinquênio de 1948/52 tinha sido de 4,7 milhões de toneladas)

## QUADRO II

### Volume da Produção Agrícola do Estado de São Paulo (1)

Média de quinquênios e Anos	Volume total (24 produtos)	
	1.000 Toneladas	Índice
Média de 1948/52 .....	13 266,9	100
Média de 1953/57 .....	20 281,8	153
1956 .....	21 296,5	160
1957 .....	24 389,8	184
1958 .....	28 338,0	214
1959 .....	31 556,9	238
1960(2) .....	31 296,7	236

Fonte: Divisão de Economia Rural.

(1) Os dados deste quadro retificam os anteriormente apresentados.

(2) Dados preliminares.

Tal aumento mostra-se particularmente significativo, se considerarmos que não estão incluídos nesses 21 produtos os de grande volume por unidade de área, como a cana e a mandioca. Representa assim, êsse aumento acréscimo real na área cultivada e na produção colhida por unidade de área. As estatísticas oficiais não mostram a precisão necessária para que se possa afirmar que houve modificação sensível na produção por unidade de área.

Quanto às áreas plantadas, observa-se pelo Quadro III que elas foram em 1960 superiores às de 1959, com respec-

tivamente 5,5 e 5,0 milhões de hectares. Aliás, são as áreas recordes da agricultura de São Paulo e confirmam a tendência demonstrada nos últimos anos, em que a área cultivada com os 20 produtos de origem vegetal cresceu de 4,4 milhões de hectares no período de 1948/52 para os 5,0 e 5,5 milhões nêstes últimos anos.

Geograficamente, a área cultivada no Estado deve ser menor, pois as estatísticas oficiais relacionam separadamente as culturas plantadas em consorciação ou em épocas diferentes, na mesma área de terra.

### QUADRO III

#### Área dos 20 Principais Produtos Vegetais no Estado de S. Paulo (1)

Média de qüinqüênios e Anos	Área Plantada (20 produtos)	
	1 000 Hectares	Índices
Média de 1948/52 .....	4 430,0	100
Média de 1953/57 .....	4 962,5	112
1956 .....	4 984,8	112
1957 .....	4 807,0	108
1958 .....	5 138,8	116
1959 .....	4 981,5	112
1960(2) .....	5 517,6	124

Fonte: Divisão de Economia Rural.

(1) Os dados dêste quadro retificam os anteriormente apresentados.

(2) Dados preliminares.

### AUMENTAM OS PREÇOS DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS

#### Sensível elevação nos preços reais dos produtos de origem animal

Os preços recebidos pelos agricultores tiveram no ano de 1960 uma participação importante na manutenção da renda real da agricultura de São Paulo. O preço médio elevou-se em 1960 em relação ao ano de 1959 em cêrca de 39%, aumento êsse bastante ponderável, se confrontarmos com o índice geral de preços, cuja elevação no mesmo período foi de 27%. Com isso, a agricultura de São Paulo obteve para os seus preços uma melhoria de poder de compra em relação ao ano de 1959 que pode ser medida pelos índices de preços reais alinhados no Quadro IV. Assim é que, dando-se o valor 100 para

os preços médios do período 1948/52, teremos para os preços médios de 1959 o valor de 80 e para os de 1960 o valor de 88. Houve pois uma melhoria real de 10% nos preços médios recebidos pelos produtores neste último ano.

Não obstante, essa melhoria, é de se salientar que os preços médios em 1960 ainda se mostram muito inferiores aos preços vigentes em anos anteriores, pois no período de 1953/57 o preço médio alcançou o índice 105, com o valor máximo de 112 alcançado no ano de 1954.

Fato, porém, digno de relevar, é que pela primeira vez

nos últimos sete anos ocorreu uma inversão nas quedas sistemáticas que os preços deflacionados dos produtos agrope-

cuários vinham sofrendo de ano para ano em nosso Estado, conforme mostra o Quadro IV:

### QUADRO IV

#### Índices de Preços Recebidos Pelos Agricultores de S. Paulo (\*)

Período Base — 1948/52

Anos	Índice Preços Produtos Vegetais		Índice Preços Produtos Animais		Índice Geral Preços Recebidos pelos Agricultores (24 produtos)		Índice Geral Preços (2)
	(20 produtos)		(4 produtos)				
	Valores correntes	Valores deflacio- nados	Valores correntes	Valores deflacio- nados	Valores correntes	Valores deflacio- nados	
1953	157	109	151	104	155	107	145
1954	211	115	184	101	204	112	183
1955	231	108	234	110	231	109	213
1956	257	101	269	106	259	102	255
1957	285	98	280	96	283	97	291
1958	272	82	317	96	282	86	329
1959	345	75	459	99	370	80	461
1960(3)	444	76	752	130	513	88	580

Fonte: Divisão de Economia Rural.

(1) Os dados deste quadro retificam os anteriormente apresentados.

(\*) Índice baseado no preço médio ponderado de acordo com a participação dos produtos no "volume" produzido no quinquênio de 1948/52.

(2) Índice calculado a partir do índice de Preços, da Fundação Getúlio Vargas (índice 2) publicados na Conjuntura Econômica.

(3) Dados preliminares.

A melhoria de preços ocorrida neste ano não foi porém uniforme em todos os setores. Os produtos de origem animal mostram um aumento de preço muito superior aos verificados com os produtos de origem vegetal, conforme também aponta o Quadro IV. Os índices dos preços reais dos produtos animais subiram de 99 em 1959 para 130 em 1960, mostrando assim uma elevação real de preços de cerca de 31%

no período de apenas um ano. Nesse mesmo período, os produtos de origem vegetal mostraram elevação insignificante, tendo os preços reais, em números índices, passado de 75 para 76. O gráfico 1, assim como o Quadro V, em que se apresentam, individualmente, as oscilações de preços reais dos principais produtos, indicam que a elevação em pauta se deve principalmente aos preços do boi e do porco. Em moe-

## QUADRO V

### Evolução dos Preços dos Produtos Agrícolas em São Paulo

#### I — Produtos de Alimentação de origem vegetal

Média de quinqüê- nios e Anos	Milho		Arroz em casca		Feijão		Batata	
	Cr\$/60 kg		Cr\$/60 kg		Cr\$/60 kg		Cr\$/60 kg	
	Preços corren- tes	Preços defla- cionados	Preços corren- tes	Preços defla- cionados	Preços corren- tes	Preços defla- cionados	Preços corren- tes	Preços defla- cionados
1948/52	80	80	147	147	159	159	136	136
1953/57	236	83	440	207	493	111	273	130
1956	225	88	499	196	703	276	271	106
57	223	77	569	195	659	226	342	117
58	274	85	707	215	447	136	406	123
59	408	88	770	167	1 570	341	540	117
60(1)	354	61	846	146	1 840	317	607	105

#### II — Outros Produtos Vegetais

Média de quinqüê- nios e Anos	Café		Algodão em caroço		Amendoim em casca		Cana de Açúcar	
	Cr\$/60 kg		Cr\$/15 kg		Cr\$/25 kg		Cr\$/ton.	
	Preços corren- tes	Preços defla- cionados	Preços corren- tes	Preços defla- cionados	Preços corren- tes	Preços defla- cionados	Preços corren- tes	Preços defla- cionados
1948/52	838	838	78	78	57	57	121	121
1953/57	2060	963	129	59	127	58	257	116
1956	2280	894	147	58	142	58	339	133
57	2360	811	177	61	200	69	356	122
58	1720	523	194	59	161	49	332	101
59	1930	419	251	54	219	47	454	98
60(1)	2580	445	390	49	436	75	656	113

#### III — Produtos de Origem Animal

Média de quinqüê- nios e Anos	Boi gordo		Suínos Gordos		Ovos Granja		Leite (COAP)	
	Cr\$/15 kg		Cr\$/15 kg		Cr\$/dúzia		Cr\$/litro	
	Preços corren- tes	Preços defla- cionados	Preços corren- tes	Preços defla- cionados	Preços corren- tes	Preços defla- cionados	Preços corren- tes	Preços defla- cionados
1948/52	107	107	165	165	10,70	10,70	1,80	1,80
1953/57	248	116	383	177	22,70	10,30	3,50	1,60
1956	297	116	446	175	28,40	11,10	4,20	1,60
57	290	100	490	168	31,50	10,80	4,90	1,70
58	328	100	557	169	36,00	10,90	5,80	1,80
59	500	108	864	187	50,00	10,80	7,20	1,60
60(1)	894	154	1 390	240	58,00	10,00	9,80	1,70

Fonte: Divisão de Economia Rural.

Nota: Os Preços deflacionados referem-se ao valor médio do cruzeiro no quinqüênio de 1948/52, tendo-se utilizado como deflator o índice 2 da Conjuntura Econômica.

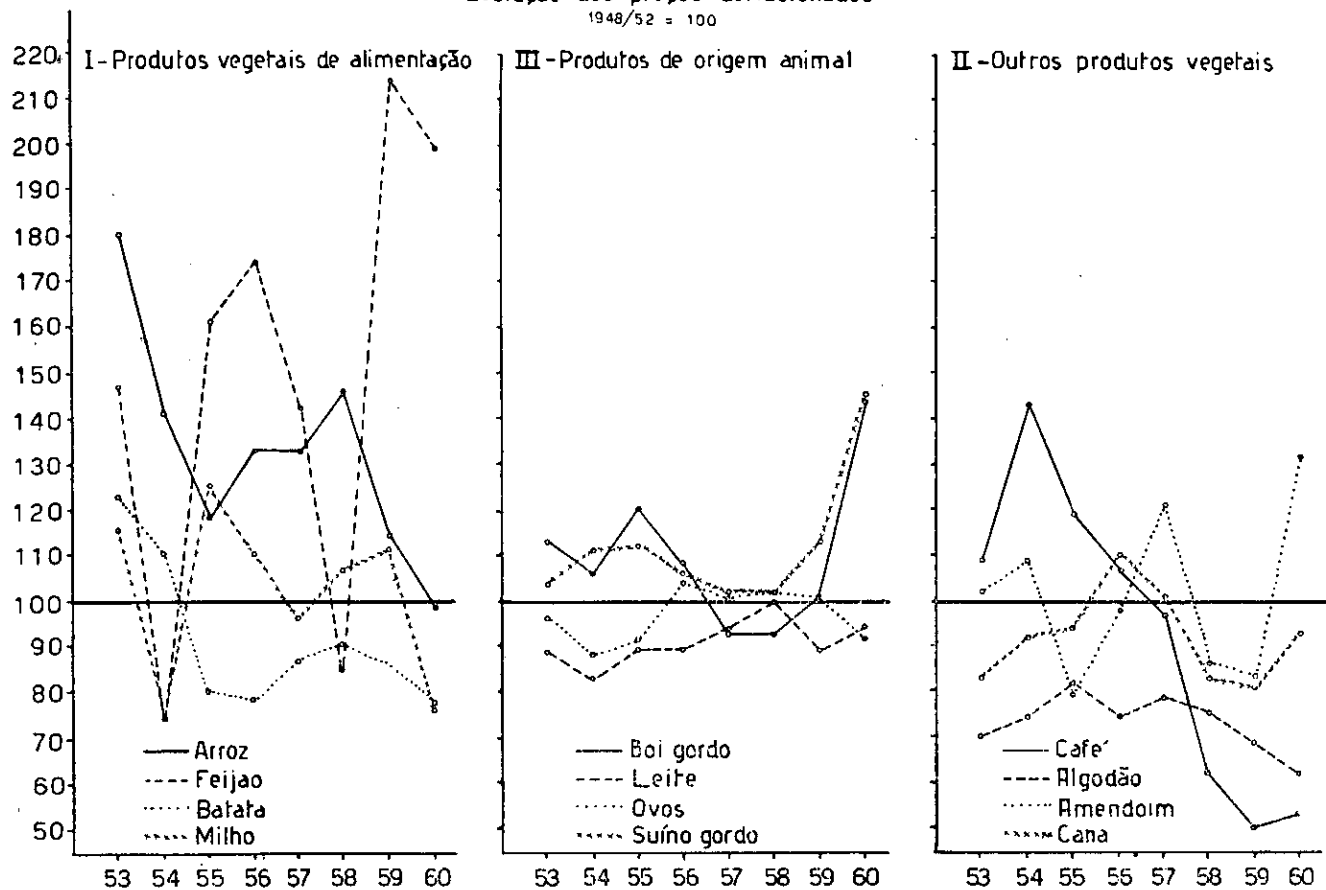
(1) Dados preliminares.



# ÍNDICES DE PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES DE SÃO PAULO

Evolução dos preços deflacionados

1948/52 = 100



da corrente, êsses produtos tiveram os seus preços elevados entre 1959 e 1960 de, respectivamente, 500 cruzeiros por 15 quilos para 894 e de 864 cruzeiros para 1390, também por arroba de 15 quilos. Aliás, êsses produtos no fim do ano de 1960 mostravam-se em níveis bem superiores à média do ano, tendo as cotações de dezembro alcançado a média de 1.190 para o boi e de 1450 para o porco. Os demais produtos mostram flutuações menos importantes, embora dentre êles o amendoim tenha apresentado sensi-

vel elevação, passando em moeda corrente, de 219 cruzeiros por sacco de 25 quilos em 1959 para 436 em 1960.

De outro lado, notam-se quedas nos preços reais em produção alimentares, passando o milho em número índices, de 111 para 76; o arroz, de 114 para 99; e a batata, de 86 para 77. O feijão, não obstante ter mostrado alguma queda, manteve-se ainda em níveis superiores aos do período básico de 1948/52, tendo os seus índices caído de 214 para 199.

## **PARTICIPAÇÃO DOS DIVERSOS PRODUTOS NA RENDA BRUTA:**

### **Gado de Corte suplanta o café.**

Embora, em valores correntes, a renda bruta de nossa agricultura tenha acusado algum aumento, notou-se em 1960 modificações importantes na posição dos diferentes produtos (veja quadro VI). Assim o café teve sua renda bruta diminuída em cerca de 30%, passando de 30,7 bilhões de cruzeiros em 1959 para 21,4 bilhões em 1960. A causa determinante dessa situação, encontra-se, conforme foi dito, no fato de ser ano de safra pequena. Aliás, se não fôsse a melhoria ocorrida nos preços dêsse produto — cerca de 34% — a diminuição na renda bruta da

cafeicultura seria ainda mais acentuada.

A essa perda de valor ocorrida no setor cafeeiro, contrapõe-se outro fato de grande significação, que é a acentuada valorização dos produtos de origem animal. Pela primeira vez, após o estabelecimento do café como principal cultura econômica do Estado, a pecuária de corte consegue suplantiar êsse produto como principal fornecedor de renda de nossa agricultura. O gado abatido em São Paulo atingiu êste ano o valor de 30,6 bilhões de cruzeiros, enquanto que a safra de café alcançou apenas

## QUADRO VI

### Renda Bruta da Agricultura Paulista (1) Em milhões de cruzeiros

Produtos	Média							
	1954/52	1954	1955	1956	1957	1958	1959	1960(2)
Café .....	6 781,3	20 680,0	23 004,0	17 328,0	26 196,0	19 436,0	30 687,0	21 414,0
Bovinos .....	2 730,6	5 641,8	6 929,5	9 128,3	9 232,4	11 947,8	17 787,0	30 574,7
Algodão em caroço ....	3 294,5	4 202,2	5 689,0	5 089,3	4 223,6	5 099,3	8 407,2	13 719,4
Arroz em casca .....	1 657,8	3 524,7	4 229,4	3 732,5	5 007,2	6 363,0	8 316,0	9 306,0
Milho .....	1 421,5	2 673,0	3 816,0	3 858,7	4 972,9	6 302,0	9 057,6	10 266,0
Cana de Açúcar .....	807,1	2 339,7	2 626,7	4 302,1	5 443,2	6 165,8	8 763,7	12 835,3
Leite .....	884,7	2 012,5	2 677,9	3 832,4	4 899,4	5 953,0	7 290,0	11 928,0
Ovos .....	491,3	1 307,5	1 812,0	2 549,3	3 119,5	3 796,1	5 407,7	6 460,8
Batata .....	538,1	1 582,1	1 355,4	1 505,2	2 008,6	2 808,9	3 419,5	4 650,6
Suínos .....	586,8	1 193,7	1 456,7	1 793,4	2 472,5	2 939,6	3 816,1	5 625,0
Amendoim em casca ..	360,0	862,2	851,4	690,6	1 437,4	2 183,0	3 183,3	6 324,1
Feijão .....	355,2	433,0	802,7	1 195,9	1 648,3	1 118,5	3 043,6	6 008,0
Tomate .....	238,2	689,5	582,0	627,7	923,7	1 266,9	1 596,9	2 315,5
Mandioca .....	165,7	436,2	509,5	632,1	920,0	1 165,1	1 805,2	1 769,0
Laranja .....	73,3	264,2	491,5	646,3	753,7	1 145,9	1 388,3	1 768,7
Banana .....	221,0	591,0	526,4	569,7	654,8	1 075,5	821,1	1 753,5
Cebola .....	88,3	250,8	281,1	221,4	369,6	699,2	682,6	746,3
Mamona .....	111,4	101,5	115,9	180,1	271,2	306,5	391,5	630,9
Alfafa .....	21,1	34,2	50,9	58,5	71,1	103,4	136,0	205,0
Casulo .....	20,6	44,5	27,2	44,2	63,6	50,4	52,5	175,8
Soja .....	1,9	21,7	33,2	21,8	37,9	26,6	26,1	62,5
Menta .....	64,3	20,4	28,9	90,4	45,3	23,0	18,6	45,4
Chá Prêto .....	9,7	16,0	23,5	43,5	41,1	80,1	90,2	131,0
Gergelim .....	13,6	2,9	4,1	8,9	3,0	3,2	1,5	2,2
<b>Total Geral .....</b>	<b>20 938,0</b>	<b>48 925,3</b>	<b>57 924,9</b>	<b>58 150,7</b>	<b>74 816,0</b>	<b>80 058,8</b>	<b>116 189,2</b>	<b>148 717,7</b>

FONTE: Divisão de Economia Rural.

(1) Os dados deste quadro retificam os anteriormente apresentados.

(2) Dados preliminares.

21,4 bilhões. E se adicionarmos o valor do leite produzido, teremos para a renda da pecuária bovina, o valor de 42,5 bilhões de cruzeiros, ou seja praticamente o dôbro da renda alcançada pelo café, situação essa bastante diferente da mantida no ano passado, quando o café contribuiu para a renda da agricultura com 30,7 bilhões e o gado bovino (carne e leite) com 25,1 bilhões.

Todavia, é de se salientar que êsses números não representam com rigor a proporção com que êsses setores contribuem para a renda interna de São Paulo. Os cruzeiros referentes ao valor da produção de café constituem renda efetiva dos fatores utilizados nessa atividade dentro do Estado. O mesmo não ocorre com a pecuária de corte, uma vez que parte do gado abatido vem de outros Estados, para ser aqui recriado ou apenas engorda

do. Portanto, parte dos cruzeiros referentes ao gado abatido em São Paulo é encaminhado para outros Estados, na aquisição dêsse gado.

Outra modificação digna de ser salientada é a que ocorreu com a produção de artigos diretamente ligados ao consumo interno, como é o caso do milho e feijão. Foram colhidas 29 milhões de sacas de milho e 3,3 milhões de feijão, produções essas consideradas recordes dos últimos 20 anos. Os valores dessas produções atingiram respectivamente 10,3 e 6,0 bilhões de cruzeiros. No caso do milho, ocorreu uma queda nos preços do produto, o que fez com que fôsse deslocado da posição ocupada em 1959 de terceiro mais importante produto de nossa agricultura, para o sexto sendo suplantado pelo algodão, cana de açúcar e leite.

## DESENVOLVIMENTO TÉCNICO

### Aumenta o Consumo de Adubos

A julgar pelos dados estatístico disponíveis, o ano de 1960 caracterizou-se por um aumento particularmente acentuado no suprimento de adubos.

As importações pelo porto de Santos, mostram um aumento substancial (veja qua-

dro VII) passando de 291 mil toneladas em 1959 para 382 mil em 1960 ou seja mais de 31% num período de apenas um ano. Os dados referentes a produção de fertilizantes no próprio país (quadro VIII), mostram aumentos menores mas não menos significativos,

## QUADRO VII

### Importação de Fertilizantes pelo Pôrto de Santos Toneladas

Produtos	1959	1960
1 — Salitre do Chile (Sod.) 15,5% N .....	27.730	17.430
2 — Nitrato de Sódio — 15,5% N .....	1.294	365
3 — Salitre potássico — 15% N .....	12.229	11.654
4 — Sulfato de amônio — 20,5% de N .....	63.974	124.010
5 — Nitrato de amônio e cal — 20,5% N ....	1.774	3.166
6 — Sulfonitrato de amônio — 26% N .....	2.394	6.121
7 — Nitrato de cálcio — 15% N .....	1.212	786
8 — Ureia — 46% N .....	4.923	8.434
9 — Cianamida de cálcio — 20% N .....	85	236
10 — Superfosfato simples — 20% P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> .....	2.778	1.026
11 — Superfosfato triplo — 46% P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> .....	18.964	17.693
12 — Fosfato natural bruto — 30/35% P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> ..	71.450	55.115
13 — Fosfato natural moído — 30% P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> ....	—	—
14 — Escória de Thomas — 18% P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> .....	591	574
15 — Fosfato bicálcio — 40% P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> .....	817	2.535
16 — Termofosfato — 18% P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> .....	374	1.088
17 — Farinha de ossos — 26% P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> .....	—	—
18 — Cloreto de potássio — 60% de K <sub>2</sub> O ....	73.370	188.890
19 — Sulfato de potássio — 49% K <sub>2</sub> O .....	7.366	2.813
<b>Total .....</b>	<b>291.236</b>	<b>381.934</b>

Fonte: Sindicato da Indústria de Adubos e Colas no Estado de São Paulo.

## QUADRO VIII

### Produção Nacional de Fertilizantes Toneladas

Produtos	1959	1960
1 — Sulfato de amônio — 20,5% de N .....	5 050	6 100(1)
2 — Nitrato de amônio e cal — 20,5% de N ..	48 530	56 861(1)
3 — Superfosfato simples 20% P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> (2) .....	183 525	195 020
4 — Fosfato nat. moído 30% P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> (3) .....	57 851	66 117
<b>Total .....</b>	<b>294 956</b>	<b>324 098</b>

(1) Até mês de Outubro.

(2) Produção do Estado de São Paulo.

(3) Estimativa do consumo no Estado de São Paulo.

Fonte: Sindicato da Indústria de Matérias Primas para Inseticidas e Fertilizantes do Estado de São Paulo.

pois o volume produzido em 1960, até o mês de outubro inclusive, foi de 324 mil toneladas contra 295 mil no ano anterior.

Todavia não se deve esperar que todo êsse suprimento tenha sido absorvido nesse ano pela lavoura de São Paulo e Estados limítrofes. Parte dessas importações deve ter sido retida para posterior venda à agricultura. Aliás essa é prática normal do comércio de adubos que trabalha com relativa folga, mantendo estoques em níveis razoáveis de segurança. Neste ano porém, as perspectivas de uma próxima mudança de taxas cambiais parecem ter estimulado os comerciantes a efetuar uma importação maior do que a necessária para atender ao consumo da região e manter um estoque normal do produto. Um exame do suprimento de adubos por elementos nobres confirma que ocorreu um aumento mais acentuado naqueles que mais dependem da importação. Assim é que o suprimento dos adubos potássicos

que ainda não são produzidos em nosso país, aumentou em toneladas de K<sup>2</sup>O de 47,6 mil toneladas para 114,7 mil ou seja 141% a mais do que o importado no ano de 1959. O suprimento de Azoto, que ainda depende em parte da importação, também acusou um aumento acentuado de 45%, passando de 34 mil a 49 mil toneladas, enquanto que o elemento P<sup>2</sup>O<sup>5</sup> que é em grande parte de origem nacional teve seu suprimento levemente diminuído, pois passou de 87 mil para 86 mil toneladas. Não é de se esperar que todo êsse acréscimo do suprimento de adubos potássicos e azotados reflitam uma modificação de técnica de adubação em São Paulo, isto é maior emprêgo desses elementos em relação ao emprêgo de adubos fosfatados. Parte ponderável dessa modificação deve prender-se ao interesse do comércio atacadista de São Paulo de ampliar os estoques de adubos importados, em antecipação às próximas modificações cambiais.

### **Modifica-se o consumo de inseticidas**

Quanto ao uso de inseticidas observa-se que o volume total utilizado no Estado no ano agrícola de 1959/60 foi inferior ao do ano anterior em 10%. Em números absolutos o total

consumido passou de 27 971 toneladas em 1958/59 para 25 116 em 1959/60, conforme se observa pelos dados do quadro IX.

Isso porém não significa

que as lavouras de São Paulo tenham recebido êste ano menos tratamento do que no ano anterior. Sabe-se que nos últimos 4 anos tem sido introduzido, com sucesso, na agricultura de São Paulo os produtos sistêmicos, como o Metasistox, que permitem menor consumo de inseticidas, pois exigem me-

nor número de pulverizações. É possível, pois, que a diminuição no volume total de inseticidas consumidos na região de São Paulo reflita antes uma modificação de técnica do que propriamente uma retração de área tratada ou do grau de tratamento proporcionado a cultura.

## QUADRO IX

### Consumo de Inseticidas no Estado de São Paulo

Toneladas

	Tiofos- fato (1%)	BHC- DDT enxo- fre 3-5-40)	BHC- DDT tio- fosfato (3-5-0,40)	BHC (1,5%)	DDT (10%) + Tiofos- fato (1%)	Meta- sistox	Total Parcial	Total Geral
1949/50	—	6 500	—	—	—	—	6 500	6 500
1950/51	—	11 000	—	—	—	—	11 000	11 000
1951/52	2 090	19 269	1 700	5 924	—	—	28 353	32 850
1952/53	422	13 548	2 320	7 864	—	—	24 154	27 398
1953/54	3 505	7 946	1 434	9 843	—	—	22 728	26 499
1954/55	1 260	8 502	7 204	5 456	—	—	22 422	26 483
1955/56	4 621	3 725	9 636	3 974	2	5	21 964	28 412
1956/57	5 635	1 732	6 028	3 963	23	24	17 405	25 653
1957/58	5 754	1 067	4 928	2 995	209	50	15 003	22 400
1958/59	6 837	849	7 320	2 279	2 167	137	19 589	27 971
1959/60	7 771	315	5 174	2 017	1 215	117	16 609	25 116

Fonte: Quadro elaborado a partir de dados originais do Instituto Biológico de S. Paulo.

Notas: Os dados referentes a Tiofosfato e BHC estão apresentados em termos de suas concentrações mais usadas, ou seja, 1% e 1,5% respectivamente, tendo sido convertidos a essas concentrações as demais misturas. Esse critério altera levemente os dados relativos aos volumes totais, que podem por essa razão diferir dos calculados por outras fontes.

1 — Anos de 1949/50 e 1950/51 — estimativas grosseiras.

2 — Nos anos de 1951/52, 52/53, 53/54, 54/55, o "Total Geral" se refere, apenas, aos consumos das lavouras de algodão e café.

3 — Nos anos de 1955/56, 57/58, 58/59, 59/60, no "Total Geral" estão computados, também, os valores relativos à "outras culturas" e "formicidas e fumigantes".

### Maiores Disponibilidades de Máquinas Agrícolas

Em 1960 notou-se uma oferta maior de máquinas agrícolas a julgar pelas maiores importações realizadas. Assim,

de acordo com os dados do quadro X as importações de tratores, no período de janeiro a setembro de 1960, atingi-

6 094 unidades quando nos mesmos meses de 1959 se importou 2 197 unidades e mesmo o número total verificado em 1959 foi de 2 723 unidades. No mesmo quadro verifica-se também o grande incremento

das importações dos principais implementos — arado e grade, embora esses números não indiquem a magnitude da disponibilidade dessas máquinas dada ao alto montante da produção nacional desses itens.

## QUADRO X

### Máquinas Agrícolas: Importação pelo Porto de Santos Unidades

Itens	1959		1960
	Jan.-Set.	Total	Jan.Set.
Tratores de roda .....	2 059	2 547	5 320
Tratores de hortícolas .....	138	176	417
Traores de esteira .....	—	—	357
Arado de tração mecânica .....	6	190	405
Grades de disco .....	54	374	260

Fonte: Departamento Estadual de Estatística.

Assim, segundo trabalho publicado em novembro de 1960 na revista **Desenvolvimento & Conjuntura** eram os seguintes

os últimos dados sobre a fabricação de implementos agrícolas em São Paulo:

	Fábricas	Unidades
Arado .....	26	35 957
Grade .....	—	788
Ceifadeiras .....	—	1 390
Cultivadores .....	7	13 696
Semeadeiras .....	14	59 708
Pulverizadores .....	6	13 766

Aliás, um fato digno de ser salientado, e que provavelmente constituirá um marco na história da agricultura brasileira é o início, em dezembro de 1960, da fabricação de tratores nacionais. Assim, nesse mês a Ford lançou o primeiro

trator agrícola, modelo 8 BR, dispendo de 44 HP na barra de tração. A esse lançamento seguiram-se logo após outros mais, cobrindo as várias classes de potência e que permitirão, segundo projetos já aprovados pelo GEIA a produção,



até junho de 1962, de 31 mil unidades. Dêsses 12 mil serão de tratores leves (Massey-Ferguson, Renault e Fendt), 16 mil de médios (Valmet, Ford, Hanomag e Zetor), 2 500 de tratores pesados (Deutz e Case) e 500 de tratores de esteira (Fiat).

Levantamento recentemente realizado pela Divisão de Economia Rural, nas 12 firmas mais importantes no ramo da produção e distribuição de tratores no Estado de São Paulo, nos aponta igualmente que ocorreu em 1960 um incremento

bastante acentuado na venda de tratores na região de São Paulo, conforme se pode observar pelos dados do quadro XI. Foram assim vendidos nesse ano, 5 264 unidades, em confronto com os 2 954 tratores entregues em 1959, os 4 265 em 1958 e os 3 358 em 1957. O quadro XI apresenta também uma distribuição das vendas pelas 3 classes de tratores — leves, médios e pesados —, notando-se que neste último ano houve sensível aumento nas vendas das três classes.

### QUADRO XI

#### Venda de Tratores na Região de São Paulo (\*)

Classes	1957	1958	1959	1960
LEVES (até 35 HP na barra) .....	1 611	1 354	1 507	2 553
MÉDIOS (de 36 a 45 HP na barra)	1 479	2 958	1 430	2 059
PESADOS (mais de 45 HP na barra) .....	268	313	17	652
<b>TOTAL</b> .....	<b>3 358</b>	<b>4 265</b>	<b>2 954</b>	<b>5 264</b>

Fonte: Divisão de Economia Rural.

(\*) Dados levantados em 12 firmas, cobrindo as vendas de 19 marcas de tratores.

### SENSÍVEL QUEDA NAS EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS AGRÍCOLAS

As estatísticas do Porto de Santos mostram que o ano de 1960, foi pouco favorável à exportação dos produtos agrícolas da área de São Paulo e Estados limítrofes. No período de janeiro a setembro o volume total exportado (incluindo produtos agrícolas) caiu de

1 021 653 toneladas em 1959 para, 840 065 em igual período de 1960, devendo-se notar que essa queda se processou não obstante o aumento que ocorreu nesse mesmo período, na exportação de café. Se retirarmos dêsses totais, os montantes correspondentes a exporta-

**QUADRO XII**  
**Exportação pelo Pôrto de Santos**  
**Toneladas**

Produtos	1959		1960
	jan/set.	Total	jan/set.
Açúcar .....	245 817	253 371	68 215
Algodão em rama .....	61 535	67 881	52 303
Algodão linter .....	507	1 727	9 490
Algodão resíduos .....	795	1 580	1 370
Banana .....	161 582	210 061	157 983
Café em grão .....	314 977	400 050	378 130
Carne de boi, tipos diversos (1) ..	37 892	38 995	2 672
Couros bovinos preparado .....	46	83	43
Couros bovinos salgados .....	14 695	17 627	7 992
Couros bovinos sêco .....	1 654	1 882	718
Farelo de amendoim .....	23 036	38 062	43 420
Laranja .....	109 637	109 689	93 560(*)
Mentol .....	215	260	276
Óleo de mamona .....	8 424	14 070	805
Total Geral .....	1 021 654	1 238 144	840 866
Valor Total (Cr\$ 1.000) .....	28 513 611	35 577 419	33 507 119

Fonte: Departamento Estadual de Estatística.

(\*) até junho.

(1) Associação Comercial de Santos.

ção de café, vemos que os de mais produtos sofreram um decréscimo de aproximadamente 35%, caindo de 706 mil toneladas em 1959 para 462 mil em 1960.

Dentre os itens que sofreram quedas mais acentuadas destacam-se o açúcar, carnes, couro e óleo de mamona. Ocorreram aumentos mais significativos apenas em linter de algodão e farelo de amendoim. Sabe-se porém que alguns desses produtos mostraram uma recuperação no último trimestre do ano, cujos dados ainda não foram incluídos nas estatísticas oficiais. Assim a exportação, do açúcar, segundo

os dados divulgados pela Associação Comercial de Santos, nos meses de janeiro a novembro de 1960 alcançou 204 mil toneladas, demonstrando que ocorreu uma intensificação na exportação nos últimos meses, mas ainda insuficiente para superar os índices alcançados no mesmo período de 1959, quando se vendeu ao exterior 250 mil toneladas. O mesmo ocorreu com o óleo de mamona, cuja exportação de janeiro a novembro deste último ano subiu a 5 784 toneladas. Com a carne e outros produtos não houve recuperação no mesmo sentido.

# ASPECTOS DA PRODUÇÃO CITRÍCOLA NA ESPANHA (\*)

Eng.º Agr.º Joaquim Manoel Fonseca de Lima

## A BASE ECOLÓGICA

A produção cítrica na Espanha, localiza-se no chamado Levante, tendo por centro a Província de Valência, estendendo-se ao Norte desta, pelas de Tarragona e Castellon de la Plana e ao Sul pelas de Alicante, Murcia e Almeria. Observa-se hoje uma tendência para estender a zona citrícola em direção Sul, alcançando a Andaluzia nas províncias de Málaga e Córdoba, sem mencionar o antigo centro de produção de laranja azeda em Sevilha.

A faixa citrícola nas cinco províncias citadas encontra-se entre os paralelos de 37º e 41º de latitude Norte.

Em realidade, cêrca de 70% da produção provém de uma estreita nesga de terra ao longo da costa entre Denia ao Sul e Vinaroz ao Norte.

O clima da região é do chamado tipo mediterrâneo, com uma precipitação anual de 350 a 550 m/m, durante o período de outubro a abril, sendo pois uma região onde chove no inverno. Durante o período de abril a setembro, a precipitação é rara e escassa. Apresentando um clima diferente daquele encontrado na Mezeta, inclui-se também esta região na Espanha Árida, onde a agricultura exige irrigação sistemática.

(\*) O presente trabalho constitui a última parte do relatório da viagem realizada no período de maio a julho de 1960 à Espanha e aos mercados consumidores de laranjas na Europa. Ao encerrar este relatório, desejamos expressar nossos melhores agradecimentos ao Senhores Chefes das Secções de Fiscalização e Classificação de Frutas e de Fiscalização de Adubos da Divisão respectiva deste Departamento, Engenheiros Agrónomos Zoroastro Leme e José de Barros Ferráz pela desinteressada contribuição que nos prestaram e bem assim aos Senhores Antonio Coccozza Canale, E. Van Parys e Carl Fischer do nosso comércio exportador de frutas, sem cujo apóio muito mais difícil seria nossa tarefa nos países visitados.

A citricultura localiza-se principalmente na extensa planície vizinha ao mar e apenas poucos metros acima do seu nível, denominada "La Plana", constituída de aluviões mais ou

menos férteis. Nota-se também uma certa tendência para plantar em terrenos mais altos, desde que se consiga água para irrigá-los.

### Extrema Subdivisão da Propriedade Citrícola em Algumas Regiões Espanholas

A agricultura da região é diversificada, como se verifica pelo quadro I, dando a distribuição das áreas cultivadas na Província de Castellón de la Plana em 1960. Em certos casos, como na citricultura, observa-se uma grande subdivi-

são da propriedade. No exemplo do quadro, observa-se que há na Província de Castellón, 24.725 hectares ocupados com laranjas que, entretanto, pertencem a 21.226 citricultores diferentes.

#### QUADRO I

##### Distribuição das Áreas Cultivadas na Província de Castellón - 1960

	Ha.	%		Ha.	%
Alfarrobeira .....	38.432	26,1	Trigo .....	21.435	14,5
Oliveira .....	29.792	20,2	Hortalijas .....	5.232	3,5
Laranjeira .....	24.725	16,8	Batata .....	3.586	2,4
Videira .....	8.417	5,7	Arroz .....	2.150	1,6
Amendoeira .....	8.128	5,5	Cevada .....	1.143	0,8
Frutas Diversas ...	1.876	1,3	Cebola .....	852	0,6
			Tomate .....	763	0,5
			Outros .....	876	0,6
<b>Total</b>	<b>147.407 Ha.</b>				

Fonte:..Sindicato Provincial de Frutas Y Productos Hortícolas — Castellón.

### Pomares Novos em Grande Número

O grande número de pomares novos que vimos durante nossa visita às Províncias de Castellón, Valência e Alicante, faz pensar que talvez o aumen-

to de 11,1% encontrado para os pomares espanhóis entre 1957 e 1965 e consignado no trabalho da F.A.O. C.C.P./59/13 à página 6, poderá resultar um

pouco maior que aquela projeção.

Os pomares visitados apresentavam bom aspecto vegetativo estando algumas variedades tardias, com pesadas cargas por colhêr, no mês de Maio, quando da nossa visita. Quando deixamos Valência com destino à Inglaterra, havia ainda algumas casas de embalagem em trabalho, apesar de ser já 22 de maio. A fruta era de excelente qualidade, plenamente colorida de alaranjado forte, e praticamente isenta de refugos por manchas.

As casas de embalagem, são muitas delas dotadas de equipamento moderno, havendo mesmo na Província de Valência uma fábrica desses equipamentos ali instalada pela firma norteamericana "Food Machinery". Outras, entretanto,

são antiquadas e bastante inferiores às que se encontram hoje em São Paulo.

A classificação comercial é facilitada pela uniformidade da fruta no fim da estação, quando somente restam para colhêr as variedades tardias Valências e Vernas. Afirmaram-nos que êste não é o caso no comêço da estação. O número de variedades em produção, parece-nos ainda exagerado, mesmo levando em conta a extensão do período de exportação que se inicia em novembro-dezembro, com as Tangerinas e Bahias, prosseguindo depois com as variedades chamadas de meia estação, para terminar em maio-junho com as tardias. Nas novas plantações há predominância quase absoluta das variedades tardias ou de meia estação.

### **A "Tristeza" Pode já estar Presente nos Pomares Espanhóis**

Dos problemas fito-sanitários, pareceu-nos que o único que está causando preocupação à citricultura espanhola, é o da "Tristeza", que muito embora não tenha ainda feito a sua aparição oficial naquela região, desperta sérios receios. O clima sêco parece-nos especialmente favorável ao bom estado sanitário dos pomares. Os fitosanitaristas e os técnicos oficiais afirmam que a "Tristeza" ainda não foi constatada

na Espanha, mas alguns setores dos meios privados parecem muito preocupados. O que nos foi dado observar não autoriza qualquer espécie de pronunciamento a êste respeito. Entretanto, referindo-se à reunião do CLAM em outubro corrente, o boletim informativo "Comtel Reuter", opina que havia muita preocupação com os danos causados pela "Tristeza" aos pomares espanhóis.

Os pomares novos e os viveiros por nós visitados deixaram-nos a impressão de que a formação das mudas de citrus

naquele país deixa ainda bastante a desejar, no que diz respeito ao vigor das mudas e aos cuidados na formação da copa.

## ALGUMAS OBSERVAÇÕES SÔBRE A ECONOMIA CITRÍCOLA ESPANHOLA

Ao ensejo desta viagem foi nos dado colher junto a produtores e exportadores de frutas cítricas, algumas informações sôbre a economia citrícola espanhola, que embora não resultem de um levantamento regular, poderão dar uma idéa aproximada das condições atuais naquele país, neste setor da produção agrícola.

Os preços das terras próprias para a formação de laranjais são elevadíssimos, quando comparados com os vigentes em São Paulo. As informações que obtivemos permitem situá-los entre 250.000 e 400.000 (\*) pesetas por hectare, quando dotados de suprimento de água para irrigação e variáveis segundos os demais elementos que podem entrar na composição de tais preços, como a qualidade das terras, a distância dos centros de beneficiamento ou dos portos, as condições de transporte, etc.

Em Sagunto, visitamos propriedade com aproximadamente 200 hectares, comprados segundo declarações do proprietário a um preço entre 300

e 400 mil pesetas por hectare com água. Nesta propriedade estavam sendo gastos ainda cêrca de 100 mil pesetas por hectare para nivelamento e construção do sistema de irrigação. Os terraços tinham as banquetas tôdas revestidas de muros de pedra assentada com cimento e a área coberta com edificios de serviço era considerável. Já estavam plantados 70 a 80 hectares com frutas cítricas e o trabalho prosseguia em ritmo bastante acelerado. Este investimento pareceu-nos uma aventura, sômente explicável pelos grandes lucros obtidos pelo proprietário na exportação de laranjas, da qual é um dos grandes.

Nos arredores de Valência visitamos também uma pequena propriedade com 2,5 hectares, que tinha sido adquirida pelo seu atual proprietário por cêrca de 830.000 pesetas, contendo 1.000 laranjeiras de 3 anos e água para irrigação na entrada do pomar. Havia empregado alí mais 70.000 pesetas na construção de uma pequena casa com 28 m<sup>2</sup>, de alvena-

(\*) 1 Peseta = ± Cr\$ 3,00.

ria de tijolos, coberta de telhas cujo custo estimou em 30.000 pesetas, na dos canais de irrigação necessários, mais ou menos 200 metros lineares, a um preço por metro linear de 100 pesetas e finalmente 20.000 pesetas na compra de um veículo para seu transporte pessoal. Elevou assim o investimento inicial para 900.000 pesetas, estimando que ainda deveria dispender cêrca de . . . . 200.000 pesetas até a formação do pomar. A água para irrigação custava-lhe aproximadamente 40 centavos de peseta por metro cúbico, com vasão de 3.500 litros por minuto. Julga ter que irrigar 6 vêzes ao ano, devendo cada aplicação durar aproximadamente 8 horas, resultando numa aplicação total por ano de uns 5 mil metros cúbicos de água por hectare.

Pensa êste proprietário que as suas 1.000 laranjeiras quando completamente formadas, o que espera se dará com 6-7 anos, deverão produzir umas 5 ou 6 mil arrobas de 12,8 quilos, que calcula vender na estação 1960/61 a umas 50 pesetas por arroba, aos exportadores da região. Êste preço de 50 pesetas por arroba refere-se aos negócios combinados à base de pêso, havendo também muitos negócios feitos "a olho", combinando-se neste caso um preço global pela pro-

dução do pomar ou de partes dêste. Em realidade, os preços correntes em setembro, segundo o "Comtel Reuter" de 30 dêsse mês, eram de 55 a 65 pesetas por arroba das Bahias, preço pago ao produtor pelos exportadores locais, para a safra 1960/61.

As mudas cítricas neste distrito, segundo êste mesmo informante, custam aproximadamente 16 pesetas por unidade, postas no local da plantação. Como já manifestamos, as mudas que tivemos oportunidade de ver na Espanha deixam bastante a desejar quanto ao vigor e à formação.

Deste mesmo informante, soubemos que costumava pagar de 100 a 150 pesetas pelo salário diário de um trabalhador braçal, cuja jornada útil era, na sua opinião, de umas 5 e meia horas; que podia obter os serviços de um homem com um cavalo e um arado ou outro instrumento equivalente por um dispêndio de 200 pesetas, pela mesma jornada de 5 e meia horas.

Informou-nos também que pagava 80 centavos de peseta por quilo de estêrco de galinha, pôsto no pomar.

Com respeito ao custo do beneficiamento desde a colheita até à condição FOB portos fruteiros, obtivemos as seguintes informações: pagando 50 pesetas por arroba de fruta, o

conteúdo de uma caixa padrão (semelhante à nossa) fica em 150 pesetas, pôsto na casa de embalagem. Deduzindo-se um valor de 13 pesetas pelos 6 quilos de descarte médio que se obtém das três arrobas necessárias para uma caixa padrão, fica o valor da fruta esportável em 137 pesetas. Acrescidas 65 pesetas de despesas com o beneficiamento, o carroto, impôstos etc. temos 202,00 pesetas como custo FOB, dos quais o produtor recebeu 150 por caixa ou 50 pesetas por ar-

roba. Nestas condições, o agricultor ali está recebendo cerca de 75% do custo FOB, da fruta que vende aos exportadores. Tôdas estas informações com respeito à economia da indústria cítrica espanhola, devem ser consideradas com as devidas reservas, pois não obstante terem sido fornecidas por pessoas fidedignas, não constituem resultados de um inquérito regular, que não tivemos a oportunidade de fazer naquele país, nos poucos dias em que ali permanecemos.

### A Industrialização dos Produtos Cítricos

Ainda na Província de Valência, tivemos oportunidade de visitar uma das instalações para enlatamento de suco de frutas cítricas, nas vizinhanças da cidade de Gandia, das várias que se montaram na Espanha nos últimos anos.

Trata-se de uma fábrica destinada à concentração de suco pelo método convencional por congelação ou Krause. Na preparação dêste concentrado, são consideradas praticamente nulas, as perdas de substâncias nutritivas ou vitaminas. Considera-se que êste concentrado, se preparado devidamente, pode ser conservado em temperaturas abaixo de 0°C por período superior a seis meses, sem alteração apreciável em sua composição ou sabor. A distribuição do produto im-

plica, entretanto, na existência de uma cadeia de transporte e armazenamento em frio, da fábrica ao consumidor.

A fábrica visitada tem capacidade para trabalhar cerca de 300 toneladas de frutas em 10 horas, produzindo suco concentrado, óleo essencial e forragem. Por ocasião de nossa visita, a fábrica estava comprando latas de folha de flandres (não litografadas) com capacidade para 3,2 quilos de concentrado, por um preço unitário de 9,00 pesetas. Consideram como melhores variedades para obtenção de suco concentrado, entre as ácidas e aromáticas, a Comuna, a Cadenera e a Valência; entre as menos ácidas, a Salustiana; entre as que têm o suco pigmentado, a Sanguina,



## Favorável a Situação Geográfica e Ecológica da Fruticultura Espanhola

A situação geográfica e ecológica da indústria cítrica espanhola e de um modo geral de toda a sua produção frutícola, é excepcionalmente favorável. A região está situada a curta distância dos melhores mercados europeus para frutas frescas, dessecadas, ou sucos. Assim, Valência está a cerca de três dias de viagem ferroviária de mercados tão distantes como o de Hamburgo ao Norte da Alemanha, ou a 6-7 dias de viagem marítima até Londres.

De Valência aos principais mercados da Europa Continental, as distâncias por ferrovia são as seguintes:

Até	Kms.
Paris .....	1856
Antuerpia .....	2.140
Rotterdam .....	2.411
Zurich .....	2.515
Hamburgo .....	2.945
Viena .....	2.982
Copenhagen .....	3.510

Da nossa passagem pela região do Levante espanhol, ficou-nos a impressão de que as áreas que poderão ser vantajosamente incorporadas a uma fruticultura altamente qualificada como a da Califórnia, são bastante extensas para permitirem um crescimento conside-

rável da produção. Somente a falta de capitais para realizar projetos de irrigação, a falta de mão de obra mais qualificada e eventual escassez de um ou outro fator de produção como adubos e corretivos ou adequadas fontes de matéria orgânica para o acondicionamento do solo, parecem ter impedido um crescimento maior da produção frutícola. É notável também, a ausência do Poder Público na pesquisa e experimentação agrícola que são realizadas no Levante espanhol.

Um bom exemplo do que poderá ser feito naquele país no sentido de incorporar novas áreas àquelas já cultivadas, nos é proporcionado pelo empreendimento particular de que nos dão notícias os recortes anexos. Trata-se de empresa privada que adquiriu na Província de Alicante, cerca de 500 hectares de terras, sem água, construiu uma adutora de 0,50 m de diâmetro com cerca de treze quilômetros de extensão, capaz de aduzir 200 litros por segundo, elevando-os cerca de 170 metros acima dos poços mais baixos. Reservatórios com 3.000 m<sup>3</sup> de capacidade foram construídos, assim como estações elevatórias e muitos quilômetros de canais.

## A Produção de Tomates e Melões como fase Preparatória da Formação de Laranjas

Para a cultura de tomates, a Província de Alicante vem disputando às Ilhas Canárias, sua posição de supridora do Reino Unido nos meses de inverno, havendo mesmo quem acredite possível, fornecer tomates àquele mercado em quantidades apreciáveis durante o verão. Este novo desenvolvimento constituiria uma ameaça à produção inglesa, obtida em estufas, sendo a opinião geral que a Espanha deve limitar-se aos fornecimentos de inverno, a fim de evitar medidas do Governo Inglês de proteção dos produtos nacionais.

Acreditam os cultivadores de tomates, que a água de irrigação deve ser mais salina do que a água doce dos poços altos, isto é, situados bem acima do nível do mar, isto para obter fruta firme, bem colorida e resistente. Com este objetivo, a empresa de que estamos nos ocupando, fez abrir poços baixos, de onde tira água com maior salinidade, e poços altos, de onde tira água doce, posteriormente misturados em proporção variável, para uso final na irrigação das plantações de tomates. Indagamos dos trabalhos experimentais que estavam fundamentando aquela prática, sem que obti-

véssemos uma informação satisfatória, parecendo-nos que não havia realmente qualquer pesquisa realizada pelo Poder Público com aquela finalidade.

Assim sendo é razoável esperar surpresas no que diz respeito aos efeitos residuais nas terras onde se está praticando a irrigação nestas condições. O preparo das terras começa em abril-maio com boa estercação, com estêrco animal, trazido de regiões mais ao Norte, e que fica pôsto na fazenda a um preço de 0,20 pesetas por quilo. As sementeiras são feitas a céu aberto, de dez em dez dias a partir de meados de junho. A transplantação começa em julho, para o que se inunda totalmente o campo com dois dias de antecedência. Irriga-se depois, pelo mesmo processo, de 12 em 12 dias. A plantação se faz à razão aproximada de 100 mil plantas por hectare. A produção média é de 3,4 quilos por planta, de que poderão se escolhido 2,5 quilos de fruta exportável. As doenças e pragas se não controla, das, fazem a sua costumeira devastação. As sementes empregadas são, no geral, de variedades inglesa, havendo também algumas de outras procedências. Estima-se o custo de produção de uma cesta de

## QUADRO II

### Estimativa da Produção Cítrica Espanhola — 1960/61

Ton. Métricas

Províncias	Laranjas Dôces						Total
	Bahias	Blancas	Blanca	Sanguineas	Vernas	Valências	
		(1) s/sementes	(2) Comuns	Ovais			
Valência . . . .	213.570	61.020	86.445	315.270	40.680	25.425	742.410
Castellón . . . .	86.445	30.510	61.020	91.530	15.255	2.034	286.794
Alicante . . . .	10.170	25.452	10.170	35.595	10.170	—	91.530
Murcia . . . . .	5.085	5.085	7.628	45.765	28.476	—	92.039
Tarragona . . .	5.085	1.017	1.017	1.017	—	—	8.136
Almeria . . . . .	2.543	25.425	2.543	—	814	—	31.325
Córdoba . . . .	—	—	3.560	—	—	—	3.560
Malaga . . . . .	2.034	7.628	9.153	509	5.085	509	24.918
Sevilha . . . . .	8.645	3.051	6.102	—	814	203	18.815
<b>Total . . . . .</b>	<b>333.577</b>	<b>159.161</b>	<b>187.638</b>	<b>489.686</b>	<b>101.294</b>	<b>28.171</b>	<b>1.299.527</b>

(1) Cadeneras, Salustianas, Maceteras, Castellanas e Viciadas.

(2) Comunas, Imperiales, Totaneras, Andaneras e Outras.

Províncias	Pomelos	Satsumas	Clemen- tinas	Tangeri- nas	(3) Limões	Laranja Azeda	
				Comuns			
Valência . . . .	2.034	5.085	6.102	27.459	5.085	—	45.765
Castellón . . . .	—	5.085	7.119	40.680	1.017	—	53.901
Alicante . . . .	2.034	—	—	3.051	10.170	—	15.255
Murcia . . . . .	—	—	509	2.543	45.765	—	48.817
Tarragona . . .	—	—	—	3.560	—	—	3.560
Almeria . . . . .	—	—	—	203	—	—	203
Córdoba . . . .	—	—	—	—	—	1.526	1.526
Malaga . . . . .	—	—	—	509	11.696	2.543	14.748
Sevilha . . . . .	—	203	—	814	1.017	19.832	21.866
<b>Total . . . . .</b>	<b>4.068</b>	<b>10.373</b>	<b>13.730</b>	<b>78.819</b>	<b>74.750</b>	<b>23.901</b>	<b>205.641</b>
<b>Total Geral . .</b>							<b>1.505.168</b>

(3) Vernas, Verdelli, Primofiore e Reales

Fonte: "Comtel Reuter", 26-9-1960.

6 quilos, em aproximadamente 39,00 pesetas, inclusive colheita e embalagem. O custo do transporte até Londres, é estimado em 3 shillings ingleses, ou cerca de 25,00 pesetas, enquanto que as despesas de comercialização na Inglaterra o são em 1 shilling ou 8,50 pesetas aproximadamente.

A reputação do tomate aliantino na Inglaterra é muito boa, apesar do suprimento desta origem ter começado há apenas alguns anos. Começando com umas 200 toneladas em 1952, 800 em 1953, 5.400 em 1954, chegou a umas 10 mil toneladas em 1955, daí para 20.000 em 1957; a exportação total de tomates desta Província vem disputando com as Ilhas Canárias, a preferência dos mercados europeus durante a estação chamada de inverno.

Além de tomates, que no plano da emprêsa que estamos examinando tomará uns 60 hectares de área plantada, pretende-se cultivar ainda outro tanto com melões, iniciando-se também a plantação defini-

tiva de frutas cítricas, até um total de cerca de 40.000 árvores.

O plano dêste empreendimento vem proporcionando renda desde o primeiro ano em que foi possível dispôr de água, devido à inclusão de culturas como o tomate e o melão, cujo ciclo é de apenas alguns meses. Outra seria a situação, se o plano visasse diretamente a formação de pomares de laranja, cuja renda tarda pelo menos quatro anos para ter início, como verificamos no caso examinado na Província de Castellón de la Plana.

Como acabamos de ver, são reais as possibilidades de uma ampliação da área cultivada com citrus na Espanha. Essa expansão dependerá entretanto, das disponibilidades de capital para o abastecimento de água, sendo provável que enquanto os investimentos continuarem sendo de fonte privada, a expansão terá um desenvolvimento modesto e incapaz de alterar substancialmente o quadro atual da produção.

---

(\*) 1 shillings = ± Cr\$ 25,00.

# PANORAMA DO CRÉDITO RURAL OFICIAL NO ESTADO DE SÃO PAULO

Eng.º Agr.º Cláudio Meira Coelho

Os agricultores de São Paulo recebem o crédito oficial para as suas atividades produtivas e de comercialização diretamente dos Bancos do Brasil (1) e do Estado de São Paulo e indiretamente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo que os assiste através das cooperativas.

Excetuando o BNCC que possui uma única agência na Capital, os outros dois contam com 167 unidades operadoras distribuídos pelo interior do Estado, o que representa 20% do total dos municípios servidos pelos bancos oficiais.

O Banco do Estado de S. Paulo, procurando dar maior penetração ao seu crédito rural, permite que nas localidades onde não mantém agência, as solicitações de empréstimos

por parte dos agricultores lhe sejam encaminhadas pelo agrônomo regional (2) e não existindo êste, caberia à Caixa Econômica Estadual a recepção das propostas.

Nessas condições, o Estado de São Paulo possui a maior rede bancária oficial do país e cuja distribuição é vista na página 28. Mas ainda assim, em muitos casos devido ao tamanho da jurisdição de cada agência e da sua posição geográfica em relação aos municípios a que serve, obriga aos empresários agrícolas a deslocamentos onerosos e demorados para acompanhar a tramitação do pedido de empréstimo e o recebimento das parcelas, uma vez deferida a prestação.

(1) O Banco do Brasil opera também por intermédio das cooperativas, mas é pequeno o movimento, pois em 1959 atingiu Cr\$ 2.094.829.000 em todo o país. Predominam os empréstimos às cooperativas arroteiras e de pecuária.

(2) É o técnico da Casa da Lavoura que pertence ao quadro funcional da Secretaria da Agricultura e cuja missão é orientar os agricultores do seu município, nas práticas agrícolas racionais.



## NÚMERO E MONTANTE DOS EMPRÉSTIMOS RURAIS EM SÃO PAULO

Os quadros I e II mostram a distribuição no período 55/59 dos financiamentos realizados pelos Bancos do Brasil, Estado e Nacional de Crédito Cooperativo. Observando-os, verificamos que o Banco do Brasil predomina tanto em volume monetário como em número de operações, embora seu ritmo de crescimento seja me-

nor do que os dos demais. Assim, em 1955, o Banco do Brasil participava em 91% do volume dos empréstimos, passando em 1959 para 80%, e em número de contratos caiu de 70% em 1955 para 60% em 1959. O BNCC é que vem ampliando substancialmente sua participação no crédito rural paulista.

### QUADRO I

#### Volume das Aplicações em Financiamentos Rurais em São Paulo, pelos Bancos Oficiais

Cr\$ 1 000 000

Ano	Banco do Brasil	Banco do Estado SP	Banco Nacional C. Cooperativo	Total	Valores * Deflacionados
1955	4 659	359	78	5 096	5 096
1956	6 319	710	90	7 119	5 982
1957	7 518	769	250	8 537	6 323
1958	7 787	953	344	9 084	6 015
1959	9 628	1 874	603	12 105	6 114

Fonte: Bancos do Brasil e Estado de São Paulo e Nacional de Crédito Cooperativo.

\* Índice Geral de Preços (índice 2 da "Conjuntura Econômica").

O quadro I mostra que o volume dos financiamentos aumentou tanto em termos nominais como reais, embora tenha sido discreta esta elevação, que passou de ..... Cr\$ 5 096 000 000 em 1955 para Cr\$ 6 114 000 000 em 1959. Todavia, o crescimento não acompanhou proporcionalmente o desenvolvimento da áreas cultivadas com auxílio do crédito

que passaram de 1 040 000 hectares em 1955 para 1 350 000 hectares em 1959, resultando uma diminuição de inversão de cruzeiros por unidade de superfície financiada, conforme mostra quadro VII.

Grosseiramente, admitindo-se que a cada contrato corresponda atendimento de uma empresa rural, temos que em 1959 foram assistidas 34 813

## QUADRO II

### Número de Contratos Rurais Realizados em São Paulo pelos Bancos Oficiais

Ano	Banco do Brasil	Banco do Estado SP	Banco Nacional C. Cooperativo	Total
1955 .....	14 523	4 539	1 450	20 602
1956 .....	17 028	7 775	1 930	26 733
1957 .....	17 013	6 659	2 820	26 592
1958 .....	17 400	7 548	3 418	28 366
1959 .....	20 635	9 573	4 605	34 813

Fonte: Bancos do Brasil e Estado de São Paulo e Nacional de Crédito Cooperativo.

propriedades, significando que apenas 10% delas foram beneficiadas no Estado de São Paulo com financiamento oficial, mas na realidade isto não ocorre, pois um mesmo agricultor pode, além de obter empréstimo em mais de um Banco, manter em qualquer um deles mais de um contrato. Assim, pode-se afirmar que o número de propriedades cobertas com financiamentos é inferior aos 10% apontados.

Embora seja generalizada a idéia de que ao Banco do Brasil cabe financiar os médios e grandes agricultores e ao Banco do Estado os pequenos, as estatísticas revelam que a CREAM em São Paulo em 1959 assistiu a 6 742 pequenos lavra-

dores (limite de empréstimo .. Cr\$ 100 000 e 50 hectares de área da propriedade a ser beneficiada) enquanto o Banco do Estado no mesmo ano realizou contratos até Cr\$ 100 000 com 4 296 produtores. Há a considerar ainda, a possível existência entre estes contratos até Cr\$ 100 000, de alguns realizados com médios e grandes produtores que tenham recorrido ao Banco para uma ou poucas culturas. Portanto, êses 4 296 contratos englobam agricultores de vários níveis econômico financeiro. Aliás, foi assinalado em trabalho anterior (1) o desenvolvimento da assistência do Banco do Brasil aos pequenos agricultores.

### PARTICIPA O FINANCIAMENTO DOS BANCOS DO BRASIL E DO ESTADO EM QUASE TRINTA POR CENTO DA ÁREA CULTIVADA NO ESTADO DE S. PAULO

A superfície cultivada que em 1959 contou com a partici-

pação de financiamento dos Bancos do Brasil e Estado, foi

(1) Agricultura em São Paulo n.º 11 - 1960.



de 29% do total dos 5 000 000 hectares trabalhados naquele ano. Quanto ao Banco Nacional de Crédito Cooperativo, não possuímos estatísticas sobre as áreas que cobre com seu financiamento de custeio, mas, face ao volume monetário dos empréstimos, podemos admitir uns 2%. O quadro III mostra

a distribuição das áreas cultivadas com a participação do crédito nos últimos anos, verificando-se que entre 1955 e 1959 as superfícies trabalhadas com ajuda de crédito cresceram cerca de 40%, passando de 1 040 000 hectares para 1 350 000 hectares.

### QUADRO III

**Participação dos Financiamentos Rurais (B.B. e B.E.S.P.) Nas Áreas Cultivadas**  
(em 1 000 hectares)

Ano	Superfície cultivada	Superfície c/financiamento			Total	%
		Banco Brasil	B. E. São Paulo			
1955 .....	4 750	890	150	1 040	21,9	
1956 .....	4 500	1 030	230	1 260	28,0	
1957 .....	4 850	810	232	1 042	21,5	
1958 .....	4 700	915	215	1 130	24,0	
1959 .....	5 000	1 100	250	1 350	29,0	

Fonte: Dados básicos — Divisão de Economia Rural, Bancos do Brasil e do Estado de São Paulo.

O quadro III mostra globalmente as superfícies assistidas com crédito, mas o quadro IV dá uma idéia em termos percentuais, do grau de auxílio financeiro que recebe cada uma das lavouras. Assim, em 1959, do total da área de algodão cultivada no Estado, .. 44,7% foram trabalhados com recursos dos bancos oficiais. Em ordem decrescente, apresentaram-se com as maiores percentagens de áreas assistidas pelo crédito, as lavouras de algodão, café, cana de açúcar e arroz.

A análise do quadro V mostra a evolução em números absolutos das superfícies cultivadas e as superfícies financiadas, ressaltando por exemplo o caso do arroz, cuja cultura no período de 1955/1959 aumentou de área, passando de 581.000 para 595.000 hectares, ou seja um incremento de 14 000 hectares. Contudo, a área financiada aumentou naquele mesmo quinquênio em 78 400 hectares, cobrindo pois o aumento dos 14 000 e substituindo os 64 400 outros hectares anteriormente trabalha-

## QUADRO IV

### Relação Percentual entre as Áreas Financiadas e Cultivadas de cada Lavoura

Produto	1955	1956	1957	1958	1959
I — Gêneros Alimentícios					
Arroz .....	18,1	25,0	23,2	26,9	30,9
Batata Inglesa .....	11,5	6,9	8,2	12,3	10,7
Feijão .....	1,6	1,4	0,5	0,7	1,0
II — Indústria Alimentar					
Amendoim .....	5,5	6,3	10,3	9,0	6,9
Caná de Açúcar .....	32,4	28,9	22,5	31,1	32,8
Milho .....	12,5	15,0	13,3	14,1	17,7
Mandioca .....	10,1	11,2	8,9	7,8	12,0
III — Produtos Predominantemente de Exportação.					
Café* .....	27,6	37,9	40,7	33,5	37,5
IV — Diversos					
Algodão .....	38,5	74,1	23,6	30,7	44,7
Mamona .....	6,3	14,8	20,0	12,9	12,6

Fonte: Dados básicos — Divisão de Economia Rural (Secção de Previsão de Safras e Cadastro e Bancos do Brasil e Estado).  
 (\*) em milhões de pés.

## QUADRO V

### Evolução das Superfícies Cultivadas e Financiadas (em 1 000 hectares)

Produto	Superfície Cultivada		Superfície Financiada	
	1955	1959	1955	1959
I — Gêneros Alimentícios				
Arroz .....	581,0	595,0	104,5	184,9
Batata Inglesa .....	45,0	46,0	6,4	4,9
Feijão .....	238,0	448,0	2,2	4,5
II — Indústria Alimentar				
Amendoim .....	120,0	395,0	5,3	27,5
Caná de Açúcar .....	334,0	409,0	105,6	134,0
Milho .....	997,0	1 313,0	121,9	231,4
Mandioca .....	60,0	95,0	4,3	11,3
III — Produtos Predominantemente de Exportação				
Café* .....	1 400,0	1 360,0	387,0	520,0
IV — Diversos				
Algodão .....	786,0	484,0	303,0	217,0
Mamona .....	24,0	34,0	1,5	4,3

Fonte: Dados básicos da Divisão de Economia Rural e Bancos do Brasil e do Estado de São Paulo.  
 (\*) em milhões de pés.

dos com recursos dos próprios rizicultores ou de outras fontes. Fica, em princípio, configurado o caso de substituição de recursos de várias fontes, pelos do crédito oficial; as razões do fato somente poderiam ser indentificadas em uma pesquisa. Nas culturas de amendoim, milho e mandioca, as su-

perfícies cultivadas cresceram em números absolutos entre 55/59, mais do que os financiamentos, que cobriram apenas parte do aumento verificado; assim, o amendoim aumentou nesse quinquênio 275 000 hectares, dos quais o financiamento cobriu 22 200 hectares.

## DIMINUEM AS INVERSÕES NA AGRICULTURA PAULISTA, SOB A FORMA DE FINANCIAMENTO

A análise das inversões feitas na agricultura paulista sob a forma de empréstimo de custeio de entre safra (quadro VII) mostra que, em termos reais ao longo do quinquênio 55/59, cada hectare está recebendo menor quantidade de financiamento. Assim, em 1955 cada hectare recebia .....

Cr\$ 3.650,00, passando em 1959 a Cr\$ 3.208,00. Considerando as inversões feitas globalmente (custeio e investimento) o panorama não muda embora menos acentuado, pois em 1955 cada hectare, que recebia em termos reais ..... Cr\$ 4.900,00, passou em 1959 a receber Cr\$ 4.528,00.

### QUADRO VII

#### Inversões por Hectare na Agricultura Paulista sob Forma de Financiamento

(Bancos do Brasil e Estado)

Ano	Custeio		Global (Custeio e Investimento)		Índice Geral de Preços
	Cr\$/hectare	Valores Deflacionados	Cr\$/hectare	Valores Deflacionados	
1955	5 650	3 650	4 900	4 900	100
1956	4 330	3 639	5 650	5 747	119
1957	5 850	4 333	8 190	6 066	135
1958	5 662	3 749	8 039	6 324	151
1959	6 350	3 208	8 966	4 528	198

Fonte: Dados básicos da Divisão de Economia Rural e Bancos do Brasil e do Estado de São Paulo.

Algumas hipóteses podem ser levantadas para explicar o

fato: a) a diminuição verificada nas bases de financia-

mento que não cresceram na proporção da desvalorização da moeda; b) diminuição de operações com médios e grandes produtores.

O critério adotado pelas entidades financiadores para o estabelecimento da base de financiamento para custeio é assentado sobre uma determinada porcentagem do valor estimativo da safra, variável de 30 a 70% e calculado segundo

os preços do momento ou preços mínimos e máximos de rendimentos físicos por hectare, fixados pelos Bancos, muitas vezes inferiores ao possível de ser conseguido com algum melhoramento tecnológico. Isto nivela empresas agrícolas com diferentes capacidades atual e potencial, bitolando-as com aquelas de rendimentos inferiores.

## MELHORAM AS PERSPECTIVAS DO CRÉDITO RURAL EM SÃO PAULO

Tanto no plano federal como estadual, estão sendo tomadas medidas destinadas a proporcionar maiores recursos para o financiamento das atividades rurais entre as quais se destacam: A lei 5 689 de 26/10/1960 do Governo do Estado que isentou do imposto do selo os papeis e documentos exigidos para a lavratura de contratos de financiamentos agrícolas feitos pelos Banco do Brasil e Estado, assim como diminuiu em 50% as custas e emolumentos referentes à expedição de documentos relativos às operações de crédito rural.

Está para ser regulamentada a aplicação Fundo de Expansão Agro-Pecuária prevista no Plano de Ação do Governo do Estado e no montante de 7,5 bilhões de cruzeiros e destinado aos investimentos na agricultura, especialmente na agro-indústria.

Na esfera federal foi recentemente registrado no Tribunal de Contas da União, o convênio entre a Comissão Executiva de Assistência à Cafeicultura e o Banco do Brasil, para a aplicação de recursos de 1 bilhão de cruzeiros no plano de renovação das culturas em base econômica e erradicação das árvores de café anti-econômicas em todo o país.

Tendo em vista a necessidade de planificação dos financiamentos agrícolas, a I Reunião Nacional de Especialistas em Crédito dos Serviços de Extensão Agrícola (1) recomendou pelo seu plenário ao Governo Federal a revisão do decreto 35 702 de 23/36/1946, relativo ao Conselho Nacional de Administração dos Empréstimos Rurais, uma vez que nunca foi pôsto em execução aquêle diploma legal.

(1) realizada no Rio de Janeiro no período 19/24 de setembro de 1960.

## SITUAÇÃO DO CAFÉ

Eng.º Agr.º Rubens Araujo Dias

### **DEVERÁ SER CONFIRMADA OU MESMO ULTRAPASSADA A ESTIMATIVA DA SAFRA CAFEIEIRA DE 1960**

O volume de café paulista despachado na atual safra, aponta que a estimativa oficial da Secretaria da Agricultura (8,3 milhões de sacas) poderá ser ultrapassada, ao contrário da opinião geral prevalecente no início do ano cafeeiro de que tal estimativa, bem como a do Brasil (27 milhões de sacas), feita inicialmente pelo I.B.C., era exagerada. Assim, os despachos de café paulista realizados até 31 de dezembro já atingiram 7,7 milhões de sacas, devendo-se ainda esperar que esse total aumente ligeiramente nos últimos meses da atual safra, haja visto que, nas duas safras anteriores os despachos até igual data representaram 86,0% (1958/59) e 96,6% (1959/60) dos totais finais.

Do total de café paulista despachado nos 6 primeiros

meses da atual safra, 5,5 milhões pertencem à série de mercado. Como já assinalou-se em comentário anterior, neste ano houve, contraditoriamente, uma menor entrega de café nas séries de mais rápida liberação, pois nas cotas despolpados, cooperativa e preferencial foram registradas 34,2% da série de mercado, enquanto na safra passada, em que se deu menores vantagens na liberação da cota preferencial, essa porcentagem atingiu 41,4. Essa contradição pode ser explicada pelo interesse em entregar cafés melhores (tipo 4 para cima) na série de consumo interno, recebendo maior pagamento (2 950 cruzeiros por saca ao invés de 2 500 cruzeiros). E isso porque, na venda de café da série de mercado às firmas interventoras, se obtém um

## QUADRO I

### Despachos de Café do Estado de São Paulo

1 000 sacas de 60 quilos

COTAS	S A F R A S				
	1958/59		1959/60		1960/61
	Jul. a Dez.	Total	Jul. a Dez.	Total	Jul. a Dez.
<b>Série de Mercado</b>					
Despoldado . . . . .	48	110	163	196	145
Cooperativa . . . . .	—	—	—	—	87
Preferencial . . . . .	3 016	3 334	3 247	3 345	1.667
Comum . . . . .	2 350	2 820	4 847	5 008	3 648
<b>TOTAL . . . . .</b>	<b>5 414</b>	<b>6 264</b>	<b>8 257</b>	<b>8 549</b>	<b>5 547</b>
<b>Série de Consumo</b>					
<b>Interno . . . . .</b>	<b>2 850</b>	<b>3 341</b>	<b>5 298</b>	<b>5 455</b>	<b>1 426</b>
<b>Série Exporto . . . . .</b>	<b>960</b>	<b>1 119</b>	<b>1 535</b>	<b>1 622</b>	<b>725</b>
<b>TOTAL GERAL . . . . .</b>	<b>9 224</b>	<b>10 724</b>	<b>15 090</b>	<b>15 626</b>	<b>7 698</b>

Fonte: Superintendência dos Serviços do Café.

preço igual para qualquer café de tipo 5/6 para melhor.

Com referência à safra brasileira, os últimos dados de registro no Instituto Brasileiro do Café, indicam que deverá ser também atingida, se não ultrapassada, a estimativa inicial da safra realizada por esse instituto, ou seja, 27 milhões de sacas. Assim, os dados preliminares de registros até 31

de dezembro já atingiam 25,0 milhões de sacas, podendo-se seguramente esperar que a estimativa inicial seja pelo menos alcançada, com os registros dos 6 meses finais da atual safra. Isso porque em igual período dos anos cafeeiros anteriores tinham sido registrado 86% (1959/60), 73% (1958/59) e 77% (1957/58) da safra.

### ESTÁVEIS AS COTAÇÕES DE CAFÉ

No decurso de dezembro não se registraram oscilações de vulto nos preços do café brasileiro. Prevaleceu no disponível, para o tipo 4, Estilo Santos, durante quase todo o mês a cotação de 595 cruzeiros por 10 quilos, tendo a média de

dezembro sido de Cr\$ 596,00, praticamente igual à constatada em novembro (veja quadros II e III). No mercado futuro de Santos — entrega direta — notaram-se pequenas altas entre o início e o fim do mês, que chegaram a atingir 25 cruzei-

**QUADRO II**  
**Cotações de Café**  
**Dezembro de 1960**

Mercados	Dia	Dia	Mínima	Máxima	Média	Média	
	1	30(*)				mês	
							anterior
<b>SANTOS (Cr\$ p/10 quilos)</b>							
<b>Disponível</b>							
Estilo Santos, tipo 4 .....	600	595	595	600	596	596	
<b>Entrega Direta</b>							
Dezembro .....	—	602,5	600	602,5	600	—	
Jan/Jun. 61 .....	605	617,5	605	620	613	610	
Jan/Jun. 62 .....	635	660	635	660	644	638	
<b>NOVA IORQUE (cents por libra-pêso)</b>							
<b>Futuro</b>							
<b>Contrato B</b>							
Dezembro 60 .....	35,34	—	35,31	35,84	35,50	35,90	
Mai 61 .....	34,65	35,39	34,65	35,39	35,00	35,10	
Julho 61 .....	34,29	34,85	34,29	34,85	34,60	34,70	
Setembro 61 .....	33,94	34,45	33,89	34,45	34,10	34,40	
Dezembro 61 .....	33,58	34,06	33,56	34,06	33,80	—	

Fontes: Associação Comercial de Santos e "Complete Coffee Coverage".

(\*) No mercado de Entregas Diretas, o último dia cotado do mês foi 31, exceto para o mês de dezembro que foi 29.

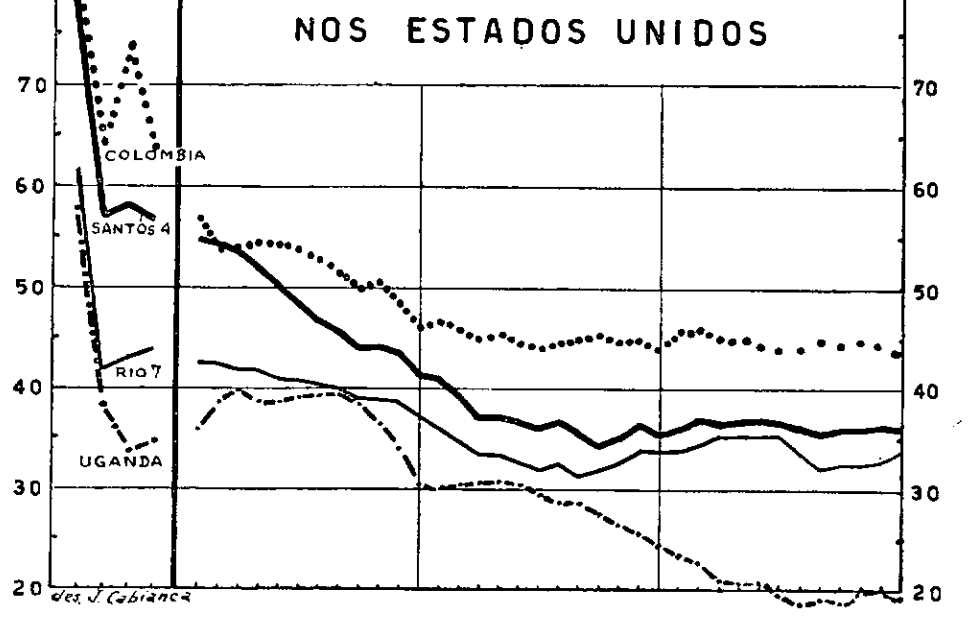
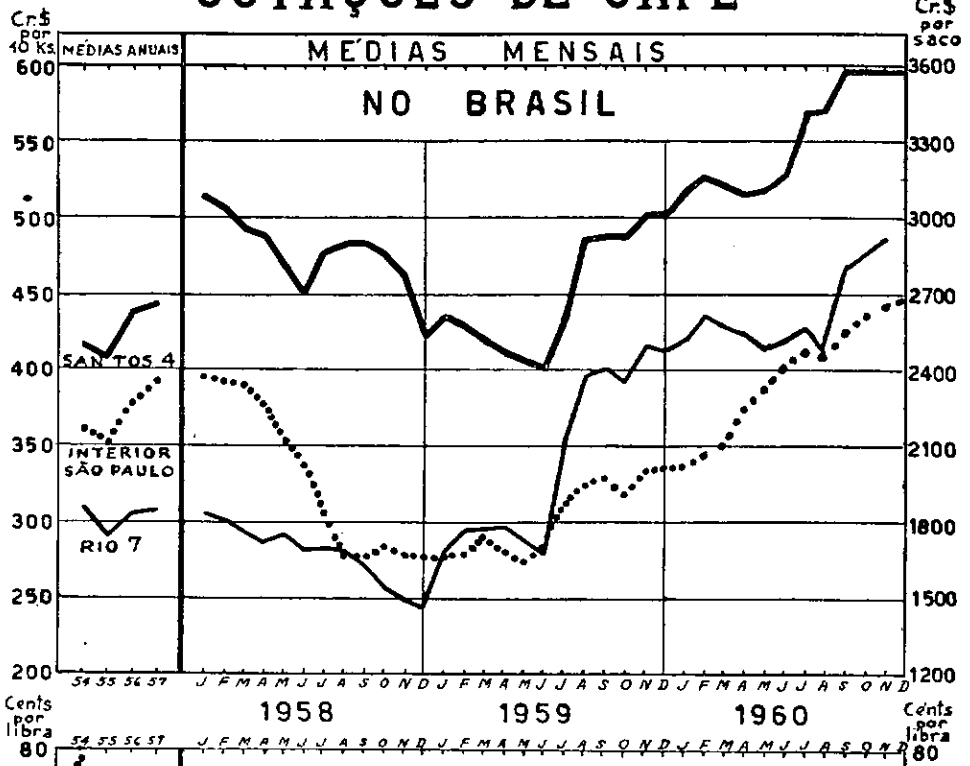
**QUADRO III**  
**Cotações Médias do Café no Disponível**

Mercados	1959		1960		
	Dez.	Set.	Out.	Nov.	Dez.(*)
<b>No BRASIL (Cr\$ p/10 kg)</b>					
Estilo Santos, tipo 4 .....	505,70	595,20	596,00	595,90	596,00
Paranaguá, tipo 4 mole ..	500,00	510,00	—	595,00	592,20
Rio, tipo 7 .....	414,00	472,10	487,00	490,00	490,00
Vitória, tipo 7/8 .....	353,20	413,30	419,10	420,00	420,00
<b>Nos ESTADOS UNIDOS</b>					
(cents por libra)					
Santos, tipo 4 .....	35,78	36,23	36,25	36,35	36,25
Paraná, tipo 4/5 .....	35,03	35,33	35,28	35,30	35,35
Rio, tipo 7 .....	34,00	32,50	32,50	32,80	33,00
Colômbia, MAMS .....	45,22	44,85	44,90	44,35	43,85
México .....	42,89	41,58	41,83	41,83	40,88
Congo Belga (Arábica) ..	40,25	41,13	41,25	40,88	—
Uganda (robusta) .....	24,40	18,53	19,68	19,95	19,30

Fontes: I.B.C. e Bureau Pan-Americano do Café.

(\*) Dados preliminares.

# COTAÇÕES DE CAFÉ





ros por 10 quilos, nos meses mais distantes, alcançando-se e mesmo ultrapassando os níveis que prevaleciam em fins de outubro.

O movimento de negócios continuou elevado no mercado disponível, embora tenham se mantido as mesmas características anteriores, com as transações restritas as atividades das firmas que operam para o Governo. Nesse mercado, o volume de vendas atingiu, em dezembro, 1 301 903 sacas, quantidade ligeiramente superior a constatada no mês de novembro. No mercado de entrega direta foram negociadas em dezembro 32 500 sacas, volume bem superior ao verificado nos meses anteriores, mas assim mesmo bem menor que o considerado normal.

Em todo o ano de 1960 foram vendidas no mercado disponível de Santos, segundo dados publicados pela Associação Comercial de Santos, . . . . . 10 809 741 sacas, volume dos maiores já verificados naquela praça, só sendo superado, nos últimos anos, pelo movimento verificado em 1959, quando foram negociados 12,0 milhões de sacas. O contrário se constatou nos mercados futuros de Santos, pois no termo da Bolsa Oficial não se registrou uma única transação e na "entrega direta" foram vendidas apenas 272 750 sacas, o menor volume

dos últimos anos (605 mil sacas em 1959, 889 mil em 1958 e 1,4 milhões em 1957). Evidentemente, pode ser imputada à atual situação do comércio de café, com um grande controle por parte do Governo, como responsável por esse fato.

No início de dezembro, em vista das dificuldades encontradas na colocação de cafés despulpados, o Instituto Brasileiro do Café autorizou as firmas interventoras a adquirirem cafés despulpados, tendo fixado para essas transações a base mínima de Cr\$ 650,00 por 10 quilos. Ao que se sabe, foram já realizadas compras, tendo os preços variado entre essa base e 730 cruzeiros por 10 quilos.

No interior do Estado, embora tenham diminuído significativamente os negócios, notou-se novamente uma pequena elevação nos preços médios recebidos pelos lavradores. Assim, em dezembro, a média atingiu Cr\$ 2 680,00 por saca de café beneficiado. Nas transações com café em côco, o preço médio alcançou Cr\$ 859,00 por saca de 40 quilos e Cr\$ 42,20 por quilo de renda, níveis pouco inferiores aos constatados nos meses anteriores.

Nos Estados Unidos, as cotações dos cafés de várias procedências mantiveram-se, de modo geral, bastante estáveis

(veja quadro III). No mercado futuro, no entanto, verificaram-se altas, entre o início e o fim de dezembro, em todos os meses cotados (veja quadro

II), o que pode ser explicado pela firme atitude dos principais países produtores restringindo suas exportações dentro do convênio internacional.

## VOLUMOSAS AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRA DE CAFÉ EM 1960

Em dezembro, foram embarcadas pelos vários portos 1 359 831 sacas, volume pouco superior ao do mês anterior. Dêsse total 514 679 sacas foram enviadas por Santos, . . . . 385 927 pelo Rio, 177 037 por Angra dos Reis e 149 913 por Vitória.

Com êsses embarques, a exportação de café para o exterior em todo o ano de 1960 alcançou 16 818 983 sacas, volume bem expressivo suplantado poucas vêses até hoje, em

apenas 7 anos. De qualquer modo, registrou-se uma redução em relação às exportações de 1959 quando se enviou para o exterior 17,4 milhões de sacas, fato que não deixa de representar um ponto negativo, em face da atual situação estatística do café.

O lado positivo de nossas exportações em 1960, foi que se conseguiu evitar a contínua desvalorização do produto que vinha se notando nos últimos 5 anos (veja quadro IV), com

### QUADRO IV

#### Exportação Brasileira de Café

Média de quinqüênios e Anos	Volume 1 000 sacas 60 quilos	Valor		Valor Médio		
		Milhões Cr\$	Milhões Dolares	Cr\$ por saca	Dolar por saca	"cents" por libra
1935/49 .....	15 050	2 336	153	155	10,4	7,9
1940/44 .....	10 812	2 451	137	229	12,8	9,7
1945/49 .....	16 270	7 801	423	470	25,5	19,3
1950/54 .....	14 699	20 217	1 001	1 428	69,2	52,3
1955/59 .....	15 028	34 907	828	2 293	55,5	41,9
1956 .....	16 805	37 710	1 030	2 244	61,3	46,3
1957 .....	14 319	30 991	845	2 164	59,0	44,6
1958 .....	12 882	25 340	687	1 967	53,4	40,4
1959 .....	17 436	50 128	733	2 875	42,0	31,7
1960(1) .....	16 819	59 377	713	3 530	42,4	32,0

Fonte: Instituto Brasileiro do Café e Ministério da Fazenda.

(1) Dados preliminares, sujeitos à revisão posterior.

reflexos perniciosos na receita cambial propiciada pelo café. Assim, ao lado de uma redução de 3,5% no volume (entre 1960 e 1959), a perda sofrida no valor em dólares foi de 2,7%, tendo-se obtido, segundo dados ainda preliminares, 713 milhões de dólares contra os 733 conseguidos em 1959. Essa menor queda foi devida a um ligeiro ganho no preço médio do café exportado que de 42 dólar a saca (31,7 cents

por libra) em 1959 passou a 42,4 dólar (32,0 cents por libra) em 1960. O valor em cruzeiros de nossas exportações de café alcançou em 1960 a cifra de 59,4 bilhões de cruzeiros (50,1 em 1959), tendo o preço médio da saca se situado em torno de 3 530 cruzeiros (2.875 em 1959). Os dados apresentados no quadro III permitem uma comparação dos resultados obtidos em 1960 com os de anos e períodos anteriores.

## **MODIFICAÇÕES NAS COTAS DO CONVÊNIO INTERNACIONAL DO CAFÉ**

As exportações brasileiras no período de outubro-dezembro de 1960 totalizaram 3,81 milhões de sacas, não sendo completada a cota de exportação que o Brasil tinha direito, nesse período, dentro do Convênio Internacional, cota essa que era de 4,35 milhões de sacas.

Aliás, essa dificuldade em preencher as cotas, verificou-se também com os principais signatários desse convênio, em vista da retração que se verificou nos mercados importadores na parte final de 1960. Visando evitar que essas dificuldades momentâneas contribuissem para um enfraquecimento generalizado das cotações, já em princípios de dezembro os países que fazem

parte do chamado "Clube do México", reunidos em San Salvador, solicitaram à Junta Diretora do Acôrdo uma redução de até 10% nas cotas do semestre de outubro a março. Essa recomendação foi aceita na reunião realizada, de 15 a 18 de dezembro, em Washington pela citada Junta que propôs o estabelecimento de cotas semestrais ao invés de trimestrais, como vinha ocorrendo até agora, sendo, de outro lado, as novas cotas "finais" ao invés de "recomendadas", como anteriormente. A nova cota, vigente para o período de outubro/60 a março/61 estabeleceu para os 26 países signatários uma possível exportação de 18 250 575 sacas, das quais 45% cabem ao Brasil. Abaixo

enumeramos as cotas dos vários países membros do Convênio:

Brasil .....	8 160 845
Colômbia .....	2 716 671
Costa Rica .....	479 398
Cuba .....	119 700
Equador .....	194 117
El Salvador .....	820 236
Guatemala .....	735 514

Haiti .....	245 736
Honduras .....	53 443
México .....	724 712
Nicaragua .....	161 537
Panamá .....	13 860
Perú .....	196 259
Rep. Dominicana .....	299 574
Venezuela .....	221 252
Comunidade Francesa ..	703 514
Portugal .....	936 293
Reino Unido .....	1 468 541

# SITUAÇÃO DA PECUÁRIA

Eng.º Agr.º Ismar Florêncio Pereira

## **PARALIZADO O AUMENTO DOS PREÇOS DA CARNE E DO GADO BOVINO APÓS LONGO PERÍODO DE INTENSA ALTA.**

Nos últimos 3 meses houve grandes variações nos preços da carne bovina. Vigorou até 25 de novembro um tabelamento parcial, atingindo apenas a carne de segunda, que no atacado deveria ser vendida a Cr\$ 38,00 por quilo. Todavia, tamanha foi a discrepância entre o preço do produto de segunda e o preço de custo do boi em pé, que a COFAP houve por bem, e no seu dizer em caráter experimental, liberar também aquela categoria.

Antes da liberação, o preço da carne de primeira, representada pelos quartos trazeiros, sofria pesados ônus e não atingiu níveis mais altos em virtude da resistência dos consumidores.

Não haviam outras alternativas senão o reajustamento ou a liberação, de vez que o preço médio do quilo de carne no Estado de São Paulo recebido pelo produtor, atingiu . . . Cr\$ 82,00, isto é, 1.230 cruzeiros por arrôba em novembro, segundo estimativa da Divisão de Economia Rural.

Conforme se verifica no quadro I, o preço no atacado para a cidade de São Paulo atingiu o máximo de . . . . . Cr\$ 120,00 por quilo, no período compreendido entre 14 de outubro a 28 de novembro. Nestas condições, e se a grosso modo, admitirmos rendimentos equivalentes para as porções dianteiras e trazeiras, teríamos Cr\$ 1.110,00 por arrôba, como resultado das vendas no atacado.

## QUADRO I

### Preço da Carne no Atacado na Capital de São Paulo Cruzeiros por quilo — 1960/61

Categorias	14 Out.	25 Nov.	29 Nov.	2 Dez.	9 Dez.	
	Em 13 Out.	a 24 Nov.	a 28 Nov.	a 1.º Dez.	a 8 Dez.	a 18 Jan.
Trazeiros Especiais ...	105	120	120	117	113	110
Trazeiros Comuns ....	94	110	110	107	103	100
Dianteiros .....	38	38	68	70	72	70

Fonte: Frigorífico Mouran.

No mês de novembro a COFAP liberou o preço dos dianteiros, que permaneceu a Cr\$ 38,00 por quilo até o dia 24. Dessa data até 8 de dezembro, o preço do quilo do dianteiro subiu Cr\$ 34,00, enquanto o do trazeiro baixou .... Cr\$ 10,00 por quilo.

Segundo as cotações dos frigoríficos, fornecidas pelo Sindicato da Indústria do Frio no Estado de São Paulo, desde outubro p.p. a única alteração constatada foi baixa, de .... Cr\$ 50,00 por arrôba de boi consumo em dezembro, somente para o frigorífico Armour.

Estimativas da Divisão de Economia Rural apresentam alterações mais acentuadas para os preços médios recebidos pelos produtores. Assim,

para arrôba de boi gordo tivemos Cr\$ 1.150,00 em outubro, 1.230 em novembro e .... 1.190, em dezembro.

Também o gado magro (quadro II) apresenta baixa em dezembro, menor para o novo e maior para o erado. Proporcionalmente, a categoria mais afetada é a do garrote de 2 ½ anos, que baixou 500 cruzeiros por cabeça, correspondendo a mais de 4%.

## QUADRO II

### Preço do Gado Magro (Cruzeiros por cabeça)

Categoria	Nov.	Dez.
Boi acima 3 anos ....	14.000	13.500
Garrote 2 ½ anos ....	11.400	10.900
Bezerro de 1 a 2 anos	7.560	7.530
Bezerro até 1 ano ..	5.570	5.650

Fonte: Divisão de Economia Rural.

## ENTRA EM RITMO NORMAL O ABATE DE BOVINOS A PARTIR DE AGÔSTO ÚLTIMO

Durante o ano de 1960, os 5 frigoríficos abateram 733.183 cabeças de bovinos, com cerca

de 93% de bois, 4% de vacas e 3% de vitelos.

Destacam-se duas fases

bem distintas no comportamento dos abates neste último ano. A primeira, no período de safra com matanças bem abaixo da esperada, pois de janeiro a outubro o nível de abate, em relação à média, alcançou 88% e no mesmo período de 1959 atingiu 117%. A segunda fase pode ser considerada de agosto a dezembro, em que tivemos 108% em relação à média de 1950/58, contra apenas 69% em igual período de 1959. Vemos, pois, pelos dados do quadro III, que o pequeno movimento da primeira fase teve seu início em agosto de 1959.

**QUADRO III**  
**Bovinos Abatidos em S. Paulo**  
**5 Frigoríficos**

Meses	1950/58	1959	1960
Jan.	63 960	72 803	68 105
Fev.	60 060	71 397	67 969
Mar.	67 080	85 612	64 905
Abr.	74 180	94 648	66 445
Mai.	88 480	95 793	67 293
Jun.	88 660	95 241	62 083
Jul.	79 390	93 758	62 490
Ago.	63 760	20 160	69 243
Set.	47 930	30 640	61 515
Out.	38 650	36 069	49 389
Nov.	44 630	38 042	43 614
Dez.	59 010	51 503	50 132
<b>Total</b>	<b>775 790</b>	<b>785 666</b>	<b>733 183</b>

Fonte: Sindicato da Indústria do Frio no Estado de São Paulo.

Estes dados demonstram que a situação atual é normal, não se verificando mais escassez de gado gordo.

É evidente que o maior ou menor volume a ser abatido próximo, dependerá, nas condições atuais, do nível das exportações.

Nosso consumo interno é insuficiente para dar vazão à produção nacional, a não ser que ocorra barateamento do produto o que poderá trazer graves inconvenientes à nossa pecuária.

#### QUADRO IV

#### Abate nos Frigoríficos de Inspeção Federal(\*)

##### Número de cabeças

	1950/58	1959
Jan.	90 682	125 707
Fev.	85 504	119 715
Mar.	97 141	137 860
Abr.	106 250	152 436
Mai.	121 526	147 283
Jun.	117 717	150 877
Jul.	107 117	152 668
Ago.	92 014	76 259
Set.	72 272	78 316
Out.	62 785	79 484
Nov.	69 322	84 111
Dez.	86 945	108 969
<b>Total</b>	<b>1 109 275</b>	<b>1 413 685</b>

(\*) Inclusive os de Carapicuíba e Guarulhos.

Fonte: DIPOA.

A fim de situar e atualizar as características quantitativas das informações por nós publicadas mensalmente, referentes aos abates nos 5 frigoríficos, apresentamos no quadro IV os dados que dispomos sobre o abate total nos frigo-

ríficos de inspeção federal, matadouros de Carapicuíba e Guarulhos. A matança verificada no ano de 1959, isto é 1 413 685 cabeças correspondem a 68% do total abatido no Estado.

A participação dos 5 frigoríficos no total abatido em todos os estabelecimentos inspeccionados pelo DIPOA, caiu de 75% aproximadamente, em

1955, para 56% em 1959.

Como vemos pelos quadros III e IV, a soma das médias mensais de 1950 a 58 (menos 1954) nos 5 frigoríficos corresponde a 70% da matança nos demais estabelecimentos da mesma categoria.

Tal redução percentual é progressiva a partir de 1956, em virtude do aparecimento de novos frigoríficos.

### SENSÍVEL QUEDA NAS EXPORTAÇÕES

No decorrer de 1960 saíram pelo pôrto de Santos, conforme elementos estatísticos da Associação Comercial daquela praça, 2 672 toneladas de carnes, sendo 2 211 em conserva e 361 congeladas embarcadas em fevereiro.

Em igual período de 1959 exportamos pelo mesmo pôrto de Santos 38 823 toneladas, sendo 16 988 em conserva, 15 285 congeladas e 6 550 de carne salgada, categoria esta, que até outubro de 1960 ainda não havia sido exportada.

### INALTERADO NA SAFRA O PREÇO DA CARNE DE PORCO

Como se verifica pelo abate, a safra de carne suína tem início em julho e vai até dezembro. Durante êste período, é normal notar-se o rebaixa-

mento dos preços daquele produto. Entretanto, na safra ora em término não se notou praticamente quedas nos preços, em seus últimos 3 meses.

#### QUADRO V

Preço no Atacado de 1/2 Porco na Cidade de São Paulo  
Cruzeiros por quilo — 1960/61

Meses	D i a s							
	1 a 4	5 a 8	9	10 a 17	18 a 22	23	24 a 27	28 a 31
Out. ....	103	103	105	105	107	107	107	107
Nov. ....	107	107	107	107	105	105	105	105
Dez. ....	105	105	105	104	104	106	106	107
Jan. ....	107	109	109	111	111	111	—	—

Fonte: Frigorífico Swit.



Assim o preço para o meio porco que é a categoria mais representativa nas vendas por atacado, a partir de outubro até fim de dezembro, variou de 103 a 107 cruzeiros (menos de 4%), passando de fins de novembro a 22 de dezembro por pequena baixa intermediária.

Em janeiro, até o dia 23 já apresentava alta de 4,00 por quilo. Por outro lado, o preço médio recebido pelo produtor para o porco gordo, segundo

estimativas da Divisão de Economia Rural, manteve-se inalterado de outubro a dezembro, em Cr\$ 1 450,00 por arrôba.

Não é semelhante a situação dos preços do porco magro que têm sofrido elevação considerável. Em dezembro foi estimado em 3 590 cruzeiros por cabeça para aqueles de caixa até 60 quilos, e em 4 180 cruzeiros para os de maior capacidade.

## ABATES DE SUÍNOS

Decresce bastante a manutenção de porcos em São Paulo, não só nos 5 frigoríficos por nós analisados mensalmente, como em todos os estabelecimentos de inspeção federal. Segundo informações do DIPOA, o abate em 1950 alcançou perto de 395 mil cabeças, o que constitui recorde daquela época até agora. A partir de 1950, o número total de abates entrou em declínio, atingindo o mínimo de 241 mil cabeças, sacrificadas em 1954. Deste ano em diante constatou-se reação, voltando a um ponto máximo de 306 mil cabeças em 1956, para novamente entrar em declínio.

Também a participação dos 5 frigoríficos, no total das unidades de inspeção federal, decresceu muito. Assim, no abate de 1950 a participação dos 5 foi de aproximadamente

80%. Já em 1956, outro ponto alto constatado, aquela participação foi de 57% e em 1959 apenas 54%.

### QUADRO VI

#### Abates de Suínos em S. Paulo 5 Frigoríficos

Meses	1950/58	1959	1960
Jan.	12 350	8 755	7 408
Fev.	9 930	5 917	6 154
Mar.	9 990	6 201	7 405
Abr.	12 285	12 774	5 900
Mai.	15 400	7 860	7 482
Jun.	15 755	12 199	7 967
Jul.	21 365	11 623	9 525
Ago.	24 570	13 913	10 984
Set.	22 890	13 090	11 578
Out.	24 890	11 309	12 284
Nov.	23 320	9 598	15 187
Dez.	18 300	10 069	12 658
Total	211 045	123 308	114 532

Fonte: Sindicato da Indústria do Frio no Estado de São Paulo.

## PRODUÇÃO DE LEITE

Apesar da interrupção de crescimento da produção leiteira, em virtude da conjuntura econômica nos meses de maio, junho e julho, ainda assim, espera-se o maior total produzido no Estado, no ano de 1960. A julgar pelos dados disponíveis do passado, calculamos que a produção fiscalizada pelo Estado deverá atingir 490 milhões de litros em 1960.

Como se vê (quadro VII), o total produzido até setembro é de 356 milhões de litros, apenas cerca de 9 milhões de litros superior ao total de 1959, 467 milhões de litros.

Em dezembro o preço de vacas leiteiras sofreu pequeno decréscimo quando, a holan-

### QUADRO VII

#### Produção de Leite em S. Paulo Fiscalizada pelo Estado

1 000 litros

Meses	1955/58	1959	1960
Jul.	29 600	35 900	36 487
Ago.	29 100	33 700	36 812
Set.	30 200	34 700	35 857
Jan. a			
Set.	276 900	347 000	355 652

Fonte: P.D.A.

dêsa foi estimada em 24 mil cruzeiros e a comum em 14 400 cruzeiros, contra 15 300 para estas e 24 300 para aquelas, no mês de novembro.

Quanto ao leite, estimou-se em Cr\$ 11,50 por litro, o preço médio no Estado de São Paulo.

# ESTATÍSTICA

## Preços Médios Recebidos pelos Produtores de São Paulo\*

Em cruzeiros

Itens	Unidade	1959		1960		
		Dez.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Boi acima de 3 anos . . . . .	cabeça	7 540	12 150	13 000	14 000	13 500
Garrote 2½ anos . . . . .	cabeça	6 030	10 200	10 600	11 400	10 900
Bezerro 1 a 2 anos . . . . .	cabeça	4 030	7 260	6 870	7 560	7 530
Bezerro até 1 ano . . . . .	cabeça	2 900	5 620	5 320	5 570	5 650
Boi gordo . . . . .	15 kg.	711	1 040	1 150	1 230	1 190
Vaca gorda . . . . .	15 kg.	644	963	1 010	1 100	1 070
Leite . . . . .	litro	6,20	9,60	11,10	10,90	11,50
Vaca holandêsa . . . . .	cabeça	17 300	23 500	23 500	24 300	24 000
Vaca comum . . . . .	cabeça	9 940	15 350	14 600	15 300	14 400
Porco cx. até 60 kg. . . . .	cabeça	2 165	3 180	3 510	3 460	3 590
Porco cx. mais de 60 kg. . . . .	cabeça	2 770	4 440	4 500	4 600	4 810
Porco gordo . . . . .	15 kg.	1 010	1 440	1 450	1 450	1 450
Frango raça especializ. . . . .	kg. vivo	77,70	86,00	94,00	89,00	99,00
Galinha caipira . . . . .	cabeça	118,50	139,00	153,00	147,00	153,00
Galinha leghorn . . . . .	cabeça	101,00	109,00	125,00	123,00	130,00
Galinha leghorn . . . . .	kg. vivo	65,80	70,00	78,00	76,00	87,00
Ovos casca branca . . . . .	dúzia	52,10	47,00	53,00	57,00	60,00
Ovos casca vermelha . . . . .	dúzia	53,80	52,00	54,00	59,00	61,00
Ovos caipira . . . . .	dúzia	45,40	45,00	49,00	48,00	53,00

(\*) Dados apurados pela Secção de Análises de Mercados e Preços, sujeitos a revisão posterior.

## Cotações dos Frigoríficos\*

Cr\$ por quilo no matadouro em 30/12/60

Itens	Armour	Wilson
Bois consumo ou novilhos gordos . . . . .	1 400	1 450
Carreiros consumo ou gordos . . . . .	1 300	1 350
Vacas gordas e touros . . . . .	1 300	1 350
Gado tipo conserva . . . . .	900	900
Vitelos gordos . . . . .	1 050	1 050
Suínos enxutos 70 kg. acima . . . . .	compras suspensas	1 350
Suínos gordos . . . . .	compras suspensas	sem cotação

\* Fonte: Sindicato da Indústria do Frio no Estado de São Paulo.

## Preços Médios Recebidos pelos Lavradores de São Paulo

### A) Média do Estado\*

Em cruzeiros

Produtos	Unidade	1959		1960		
		Dez.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
	Por quilo de					
Café em côco .....	renda	—	41,20	41,60	42,80	42,20
Café em côco .....	40 kg	649	828	844	877	859
Café beneficiado ...	60 kg	2 020	2 570	2 620	2 660	2 680
Algodão em caroço.	15 kg	—	—	—	—	—
Amendoim em casca	25 kg	322	490	564	555	509
Mamona .....	kg	10,90	16,10	15,20	16,20	16,30
Arroz em casca ....	60 kg	1 020	869	919	987	966
Arroz beneficiado ..	60 kg	1 650	1 370	1 470	1 520	1 530
Feijão .....	60 kg	2 380	1 180	1 500	1 430	1 450
Milho .....	60 kg	500	322	364	376	392
Batata .....	60 kg	751	497	532	531	468
Cebola .....	15 kg	367	394	176	140	140

### B) Média das principais Zonas do Estado

Dezembro de 1960\*

Em cruzeiros

Produtos	Uni- dade	Zonas do Estado							
		Araça- tuba (1)	Avaré (2)	Campi- pinas (3)	Marília (4)	Pres. Prudente (5)	Rib. Prêto (6)	S. J. Rio Prêto (7)	São Paulo (8)
	Por quilo de								
Café em côco .....	renda	42,30	42,00	—	42,00	43,00	42,40	42,20	—
Café em côco .....	40 kg	856	832	782	900	872	838	886	—
Café beneficiado ...	60 kg	2 690	2 590	2 610	2 700	2 690	2 780	2 730	—
Algodão em caroço.	15 kg	—	—	—	—	—	—	—	—
Amendoim em casca	25 kg	559	454	—	510	482	500	455	—
Mamona .....	kg	16,50	14,00	—	15,90	14,80	17,70	17,10	—
Arroz em casca ....	60 kg	980	1 030	996	1 040	975	936	922	994
Arroz beneficiado ..	60 kg	1 500	1 660	1 580	1 690	1 490	1 490	1 440	1 770
Feijão .....	60 kg	1 520	1 390	1 450	1 260	1 280	1 340	1 310	1 570
Milho .....	60 kg	396	377	441	424	438	359	364	480
Batata .....	60 kg	—	441	433	514	563	472	602	470
Cebola .....	15 kg	179	139	138	136	116	160	148	133

\* Dados apurados pela Seção de Análises de Mercados e Preços, sujeitos a revisão posterior.

Nota: Nas zonas abaixo, estão incluídas as seguintes chefias de extensão agrícola:

1) Araçatuba, Bauru e Jaú; (2) Avaré e Itapetininga; (3) Campinas, Piracicaba e São João da Boa Vista; (4) Marília; (5) Presidente Prudente; (6) Ribeirão Prêto e Bebedouro; (7) São José do Rio Prêto; (8) São Paulo, Taubaté e Registro.

## Importação de Cabotagem pelo Pôrto de Santos, em 1960

(Toneladas)\*

Produtos	Dez.	Jan. a Dez.	Produtos	Dez.	Jan. a Dez.
<b>Adubos</b>			Lingüiça	—	19
Adubos (N.E.)	10 727	58 485	Peixe	—	13
Fosforita	—	1 960	Peixe sêco	—	7
<b>Bebidas</b>			Pimenta do reino	233	762
Aguardente	—	34	Soja	—	179
Outras bebidas	—	14	Sal	12 410	291 458
Vinho de mesa	1 672	5 289	Tapioca	—	21
<b>Cereais</b>			<b>Madeiras</b>		
Arroz	1 717	23 212	Canela	62	930
Aveia	9	130	Cedro	—	90
Cevada	870	3 211	Freijó	19	297
Milho	—	25	Imbuia	—	90
<b>Diversos</b>			Madeiras (outras)	—	67
Borracha	1 037	17 287	Peroba	—	37
Celulose	—	3 300	Pinho	466	2 716
Crina vegetal	33	188	<b>Oleaginosas, óleos e</b>		
Crina (N.E.)	1	11	<b>Gorduras</b>		
Fumo em fôlhas	—	158	Amendôas (N.E.)	—	171
Látex	312	2 477	Babaçu	1 095	17 859
Leite de seringueira	43	212	Banha	—	154
Papel	629	4 668	Cêra de carnaúba	—	14
Sacos de juta	7	367	Gergelim	40	489
Tecidos	25	250	Gordura de côco	15	139
<b>Fibras e Fios</b>			Mamona	302	1 237
Algodão	1 389	19 062	Óleo de babaçu	240	2 233
Fios de côco	—	1	Óleo car. algodão	418	9 067
Juta	1 245	22 345	Óleo de côco	29	244
Lã	39	3 439	Óleo de linhaça	13	1 025
Linter de algodão	70	361	Óleo de oiticica	—	257
Malva	561	4 323	<b>Produtos Animais</b>		
Piaçaba	62	618	Carnarinha	—	287
Sisal	—	1 391	Crina animal	1	23
<b>Gêneros Alimentícios</b>			Farinha de peixe	110	317
Açúcar	—	43 244	Farinha de carne	155	1 333
Cacau	—	84	Óleo de peixe	—	41
Carne (N.E.)	—	159	Peles	—	18
Castanha (N.E.)	45	413	Sangue sêco	—	23
Cebola	18	774	<b>Produtos de Ervanaria</b>		
Côco	323	5 279	<b>e Sementes</b>		
Côco ralado	—	19	Alpiste	—	6
Compotas	29	165	Guaraná	71	149
Conservas	147	3 214	<b>Resíduos e Tortas</b>		
Doces	2	153	Farelo de trigo	—	1 505
Extrato de tomate	—	2 166	Farelo de soja	1 383	6 144
Farinha de côco	—	7	<b>Trigo e Farinha de</b>		
Farinha de mandioca	148	626	<b>Trigo</b>		
Farinha de soja	575	725	Farinha de trigo	—	475
Fêcula de mandioca	351	3 494	Trigo em grão	780	26 660
Feijão	—	2 427			
Leite de côco	—	6			

Quadro elaborado pela Divisão de Economia Rural, com dados do "Diário do Comércio", da Associação Comercial de São Paulo.

(\*) Dados sujeitos a revisão posterior.

## Importação do Exterior pelo Pôrto de Santos, em 1960

(Toneladas)\*

Produtos	Dez.	Jan. a Dez.	Produtos	Dez.	Jan. a Dez.
<b>Adubos</b>			<b>Ervilha</b>		
Adubo químico N.E.)	—	4 026	Extrato de tomate	1	10
Cloreto de potássio	5 987	116 375	Figo sêco	492	922
Fosfato	7	36 350	Grão de bico	—	869
Salitre do Chile	—	22 435	Leite em pó	2	768
Sulfato de amônio	8 870	124 972	Lentilha	8	138
Sulfato de potássio	2	2 533	Maçã	520	23 408
Superfosfato	219	14 426	Malte cevada	916	4 705
Uréia	1 120	9 772	Melão	75	439
<b>Arame</b>			Nozes	331	901
Arame farpado	2 014	27 500	Pêra	33	7 836
<b>Bebidas</b>			Pêra em conserva	—	31
Aguardente	4	45	Pêssego	—	47
Champanha	25	74	Pêssego em conserva	—	169
Outras bebidas	26	163	Tâmara em lata	—	26
Uísque	149	930	Tâmara sêca	55	78
Vinho de mesa	1 648	2 574	Uva passa	251	1 498
<b>Diversos</b>			Uva fresca	38	1 044
Borracha	1 158	21 250	<b>Máquinas</b>		
Borracha sintética	1 058	14 334	Implem. agrícolas	45	474
Celulose	9 020	78 577	Máquinas terraplen.	137	1 584
Cortiça em bruto	227	2 319	Pertences (terraplen.)	117	746
Cortiça granulada	296	630	Tratores (pertences)	235	2 637
Fécula mandioca	—	71	Tratores	1 589	26 978
Glicose	16	362	<b>Óleos e Gorduras</b>		
Látex sintético	162	1 221	<b>Vegetais</b>		
Papel	5 748	82 186	Azeite de oliva	681	9 846
Peles de coelho	82	1 064	Óleo de pinho	—	117
Rolhas de cortiça	7	271	<b>Produtos de Ervanaria e Sementes</b>		
<b>Fibras e Fios</b>			Alpiste	389	4 958
Fibra de linho	447	3 122	Ervanaria	11	223
Fios de lã	1	24	Lúpulo	103	653
Fios de linho	1	86	Sem. de batata	1 853	6 107
<b>Gêneros Alimentícios</b>			Sem. de flôres	4	4
Alho	299	6 883	Sem. vegetais (N.E.)	6	78
Ameixa ((N.E.))	19	65	Sem. de hortaliças	—	30
Ameixa fresca	152	530	Sem. de cebolas	1	13
Ameixa sêca	143	1 374	Sem. de pinho	—	3
Amêndoas	219	403	Sem. de ervilha	—	17
Anchôvas	29	462	<b>Produtos Químicos</b>		
Avelã	165	280	D.D.T.	—	644
Azeitona	1 434	10 336	Fungicida	262	1 738
Bacalhau	993	7 744	Hexacloroeto benzeno	—	101
Canela	14	226	Inseticidas	211	4 471
Castanha	1 738	2 945	Óleo essenciais	4	36
Cebola	—	6 658	<b>Trigo</b>		
Cevada	4 041	32 623	Trigo em grão	38 296	794 284
Cravo	37	69			
Damascos secos	3	29			

Quadro elaborado pela Divisão de Economia Rural, com dados do "Diário do Comércio", da Associação Comercial de São Paulo.

(\*) Dados sujeitos a revisão posterior.